



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA**

THAÍS SOUSA ALVES

**CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSES DE
BRASÍLIA: possibilidades de ensino e aprendizado da língua
portuguesa**

**Brasília – DF
2020**

THAÍS SOUSA ALVES

**CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSES DE
BRASÍLIA: possibilidades de ensino e aprendizado da língua
portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr^a Ireuda da Costa Mourão.

**Brasília – DF
2020**

THAÍS SOUSA ALVES

**CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSES DE BRASÍLIA:
possibilidades de ensino e aprendizado da língua portuguesa**

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília, em 21 de fevereiro de 2020, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Ireuda da Costa Mourão (Orientadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Profª Drª Solange Alves de Oliveira Mendes (Examinadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Profª Kelly Alves Rocha dos Santos (Examinadora)
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o autor da vida, por tantas oportunidades a mim concedidas.

Agradeço aos meus pais, Gilson e Socorro, e aos meus irmãos, Arthur e Letícia, por todo o amor, apoio e dedicação.

Agradeço aos familiares e amigos, pelo carinho e amizade.

Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo durante a graduação, em especial, Laryssa, Francisco e Ketlen, por terem tornado esta caminhada mais alegre.

Agradeço à minha orientadora Ireuda da Costa Mourão, por toda a dedicação e auxílio para a elaboração deste trabalho.

A todos que de alguma forma contribuíram para esta realização, o meu muito obrigada!

RESUMO

As bibliotecas apresentam um importante papel na nossa sociedade, tanto no que diz respeito a conservação de acervos quanto na possibilidade de apropriação de conhecimentos através dos livros lá existentes. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo geral conhecer como são utilizados os espaços das bibliotecas em escolas classes de Brasília, a fim de caracterizá-los e apresentar possibilidades que contribuam para a aprendizagem na área da Língua Portuguesa. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e caracterizou-se por ser uma investigação de campo, pois foi realizada em quatro escolas de Ensino Fundamental I de Brasília. Os sujeitos da pesquisa foram três professoras que trabalhavam nas bibliotecas, três professoras que atuavam em sala de aula, e quarenta e cinco estudantes com idade entre 10 e 11 anos. Os dados foram gerados durante o ano de 2019. Foi feita análise de documentos, além de serem utilizadas como técnicas de pesquisa a entrevista, o questionário e a observação. Os resultados mostraram que não há um padrão na estrutura física e na utilização das bibliotecas das escolas de Ensino Fundamental I. Também se concluiu que as professoras que atuavam nas salas de aula não utilizam este espaço de maneira intencional para o ensino da língua portuguesa, mas algumas atividades lá realizadas contribuem de maneira indireta para este processo. Dentre as possibilidades de atividades que contribuem para o ensino e aprendizado da língua portuguesa destaca-se: a contação de histórias, o estímulo à leitura de variados gêneros textuais, sarau literário, entre outros.

Palavras-chave: Bibliotecas escolares. Ensino e Aprendizagem. Ensino Fundamental I. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Libraries play an important role in our society, both concerning archive maintenance and knowledge acquisition through the books they are comprised of. In this regard, this piece of work's general aim is identifying how the library areas in primary schools in Brasilia are utilized, to identify them and propose possibilities that contribute to learning in the Portuguese language. The field research has a qualitative approach, it was applied in four primary education schools in Brasilia. The subjects of the survey were three teachers who worked in the libraries, three teachers who worked in the classrooms and forty-five students aging between ten and eleven years old. The data was generated in 2019. Besides document analysis, research techniques such as interviews, questionnaires, and observation were employed. The results reveal that there isn't a standard in facilities and library utilization in the establishments. It was also noted that teachers don't use the referred spaces with the intent of helping the Portuguese language teaching-learning process. However, some activities performed there indirectly contribute to it. Among the helpful possibilities identified during the research, storytelling, the fostering of reading varied text genres, and literary events were highlighted.

Keywords: School libraries. Teaching and learning. Primary school. Portuguese language.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Sobre os acervos das bibliotecas	41
Figura 2 – Organização do acervo	42
Figura 3 – Painel temático	43
Figura 4 – Biblioteca da Escola A	44
Figura 5 – Biblioteca da Escola C	45
Figura 6 – Biblioteca da Escola C (lugar das crianças)	46
Figura 7 – Organização do espaço	47
Figura 8 – Crianças realizando atividades	50
Figura 9 – O que os estudantes fazem na biblioteca (Escola C)	52
Figura 10 – O que os estudantes fazem na biblioteca (Escola B)	52
Figura 11 – Quais atividades o professor desenvolve na biblioteca (Escola B)	53
Figura 12 – O que os estudantes fazem na biblioteca (Escola D)	54
Figura 13 – Quais atividades o professor desenvolve na biblioteca (Escola D)	54
Figura 14 – Dicas de utilização da biblioteca	55
Figura 15 – Parte da decoração da Escola B	58
Figura 16 – Murais das turmas	58
Figura 17 – Apresentação da peça “Deu rato na biblioteca”	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação escolas e profissionais.....	34
Quadro 2 – Atividades desenvolvidas na BE da Escola A.....	49
Quadro 3 – Atividades desenvolvidas na BE da Escola C.....	51
Quadro 4 – Dados gerais das respostas dadas pelas professoras	57

LISTA DE SIGLAS

ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização

BE – Biblioteca Escolar

BIA – Bloco Inicial de Alfabetização

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EC – Escola Classe

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNE – Plano Nacional de Avaliação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
PARTE I: MEMORIAL FORMATIVO	11
PARTE II: ESTUDO MONOGRÁFICO.....	14
1.0 – INTRODUÇÃO	14
2.0 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 – Biblioteca escolar: aspectos históricos e legais	17
2.2 – O ensino e a aprendizagem da língua portuguesa: oralidade, leitura e escrita	20
2.3 – A utilização da biblioteca escolar no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa	28
3.0 – METODOLOGIA	33
3.1 – A pesquisa qualitativa	33
3.2 – Técnicas e instrumentos de pesquisa	34
3.2.1 – Observação	34
3.2.2 – Entrevista	35
3.2.3 – Questionário	36
3.3 – Chegada às escolas	37
4.0 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
4.1 – Acervo	41
4.2 – Organização do espaço	44
4.3 – Formação dos profissionais da biblioteca	48
4.4 – Utilização das bibliotecas	49
4.5 – Estratégias e metodologias no trabalho com a leitura e escrita.....	56
5.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
PARTE III: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
APÊNDICES	70

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, requisito obrigatório para a conclusão da graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília, encontra-se estruturado em três partes; são elas: Memorial Formativo, Estudo Monográfico e as Perspectivas Profissionais.

Na parte I, exponho o Memorial Formativo, no qual descrevo a minha trajetória escolar desde a Educação Infantil até o presente momento na Universidade de Brasília. Relato as experiências que mais me marcaram durante este período e o que me fez escolher a Pedagogia.

Na parte II, apresento o Estudo Monográfico, cujo objetivo é conhecer como são utilizados os espaços das bibliotecas em escolas classes de Brasília, a fim de caracterizá-los e refletir sobre possibilidades que contribuam para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. Ela é dividida em três capítulos: fundamentação teórica, metodologia utilizada na pesquisa e apresentação e análise dos resultados obtidos.

Na parte III, conto sobre as minhas perspectivas profissionais como futura pedagoga.

PARTE I

MEMORIAL FORMATIVO

Tenho 21 anos de idade. Nascemos, eu e minha irmã gêmea, no dia 15 de julho de 1998, no Gama – Distrito Federal. No total, somos três filhos. Meu irmão tinha pouco menos de dois anos quando nascemos.

Minha vida escolar teve início na Educação Infantil. Eu e os meus irmãos estudávamos em uma pequena escola privada: a Escola da Tia Aninha – com apenas duas salas de aula. Lá tive a minha primeira experiência num ambiente escolar, com horários, tarefas, professora, colegas de sala etc. Pouco tempo depois mudamos para uma escola maior, pois o meu irmão tinha avançado de série, uma série que já não tinha nessa primeira escola.

Mudamos para o Centro Educacional Paulo de Tarso, também particular. Fiz uma prova para saberem em qual série me colocariam. Tive bastante dificuldade com a prova e colocaram-me no Jardim 3. Eu e minha irmã ficamos na mesma sala e lá tivemos um ótimo desenvolvimento; a cada dia íamos aprendendo mais e mais.

Quando eu estava na 1ª série do Ensino Fundamental (atual 2º ano do Ensino Fundamental) fui convidada para fazer uma prova para avançar uma série, pois o meu desenvolvimento estava sendo superior ao que era esperado para a minha idade. Fiz a prova, passei e poucos dias depois fui para a 2ª série (atual 3º ano do Ensino Fundamental). Por mais que eu soubesse o objetivo daquela prova, foi muito difícil sair de uma turma em que eu conhecia todos os alunos, a professora, deixar de estudar com a minha irmã e entrar em uma turma onde eu não conhecia praticamente ninguém – só conhecia um aluno da minha antiga turma que tinha avançado junto comigo. A adaptação foi um pouco complicada.

Mas o tempo foi passando e fui me habituando à nova turma, ao novo professor e aos novos conteúdos. Gostava muito dessa escola, dos professores e de todos os dias chegar à minha casa tendo aprendido coisas novas. Também gostava muito pelo fato dos meus irmãos e de um amigo estudarem lá – íamos e voltávamos juntos todos os dias – e nós conhecíamos todos da escola: professores, alunos, secretária, diretor, zelador, enfim. Eu amava poder ter acesso à sala dos professores e à secretaria, poder ajudar a corrigir as atividades de outros alunos e ter um maior contato com os meus professores. Mas, com o passar do tempo, a escola não

parecia mais interessante – pela troca constante de professores – e a liberdade que eu tinha e o fato de conhecer todos da escola já não eram mais um atrativo. Estudei nessa escola até o 8º ano.

No ano seguinte, fui para uma escola pública perto da minha casa, o Centro de Ensino Fundamental 209 de Santa Maria. A princípio fiquei um pouco assustada, pois as pessoas faziam comentários muito ruins sobre as escolas públicas, mas a minha experiência nessa escola foi a melhor possível. Foi um ano em que fiz novas amizades, tive aulas com excelentes professores, pude fazer apresentações de peça e dança num auditório (foi a primeira vez que eu subi num palco para apresentar) e participar de um projeto excelente chamado “Espaço para Sonhar”. Essa nova realidade fez com que eu mudasse totalmente a visão equivocada que eu tinha sobre as escolas públicas.

O Projeto Espaço para Sonhar tinha como principal objetivo o incentivo à leitura. As professoras envolvidas no projeto organizavam encontros mensais (cada mês tinha uma professora responsável). Além do incentivo à leitura, o projeto promovia a reflexão sobre vários aspectos da vida, como: a família, amizade, sonhos, objetivos, realizações, pensar e valorizar coisas simples da vida, entre outros. O engajamento das professoras nesse projeto teve um papel fundamental para que eu escolhesse a Pedagogia, pois eu sentia o desejo de me tornar professora e ser tão boa e engajada quanto elas; em fazer um trabalho bem feito como elas faziam.

Estudei nessa escola por apenas um ano, pois ela era somente de Ensino Fundamental. No ano seguinte fui para outra escola pública, o Centro Educacional 310 de Santa Maria, também perto da minha casa. A minha adaptação foi muito mais tranquila, pois já tinha me acostumado com a escola pública. Também vivi muitas experiências positivas nessa escola, fiz amizades novas e tive aulas com ótimos professores – professores que nos incentivavam a todo o momento para que corrêssemos atrás dos nossos sonhos e objetivos. Foi a partir daí que o meu desejo de estudar na Universidade de Brasília (UnB) aumentou. Sempre tive apoio da minha família e professores para que alcançasse esse objetivo.

Porém, na escola, um professor em especial – Guilherme Guimarães – foi quem se envolveu de forma mais efetiva para que nós, alunos, ingressássemos na UnB. Ele teve um papel muito importante na minha aprovação, pois ele não media

esforços para nos ajudar. Eu estava a todo o momento com ele; ele me auxiliava no planejamento de estudos, correção de redações, leitura de editais do Programa de Avaliação Seriada (PAS) e do vestibular da UnB. Promovia aulas nos finais de semana com professores renomados e se privava até dos seus horários livres para nos auxiliar tirando nossas dúvidas.

E todo esse esforço não foi em vão. No ano de 2014 vivi muitas alegrias decorrentes desse esforço, apoio e parceria: com apenas 16 anos de idade fui aprovada no vestibular da UnB, no PAS e no Sistema de Seleção Unificada – SISU, todos para o curso de Pedagogia. No ano de 2015 ingressei na UnB e de lá para cá foram muitas as alegrias, desafios, obstáculos, anseios, medos; mas uma coisa é certa: valeu muito a pena.

Essa trajetória na UnB me possibilitou vivenciar diversas experiências enriquecedoras que, além de terem me desenvolvido no âmbito da formação acadêmica, me fizeram amadurecer de forma geral em diversas circunstâncias da minha vida. Conheci muita gente, passei por desafios, por alegrias e tristezas, mas, sobretudo, aprendido muito com cada experiência que a Universidade me proporcionou vivenciar.

Parte II

ESTUDO MONOGRÁFICO

1.0 – INTRODUÇÃO

As bibliotecas são importantes locais de acesso ao conhecimento, em especial aos fatos históricos, tendo em vista que um dos seus objetivos é a conservação do acervo, o armazenamento e a proteção de uma infinidade de obras literárias e não-literárias, sendo um ambiente propício para a busca de informações e desenvolvimento do hábito da leitura e da escrita. Esse espaço já sofreu diversas mudanças no decorrer da história.

Apesar do meu constante contato com livros, desde a infância até o presente, só entrei numa biblioteca escolar (BE) pela primeira vez no 9º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, o estímulo que eu recebia em casa – mesmo antes de aprender a ler – fez com que eu tomasse gosto pela leitura e, sem dúvida, me ajudou nos desempenhos escolares. Mas e os estudantes que não tem acesso a nenhum desses meios de contato com a leitura?

Dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2016 demonstram que 54,73% dos alunos que estavam concluindo o 3º ano do Ensino Fundamental neste período tinham nível insuficiente de leitura e 33,39% em escrita. Em contrapartida, a meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE) prevê a alfabetização de “todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2014), e para que isso aconteça é necessário que se desenvolvam ações de mudança desse quadro, pois quanto mais cedo melhorarmos essa realidade, melhor será o desempenho desses estudantes nas outras etapas da educação básica e também no nível superior.

Considerando este contexto e a minha trajetória escolar, passei a ter curiosidade em saber como a biblioteca é utilizada nas escolas de Brasília, tendo em vista que são muitos os estudantes que não tem a possibilidade de dispor de livros em casa. Foi assim que delimito o meu objeto de estudo: as bibliotecas e o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desta forma, para nortear a pesquisa temos as seguintes questões: Como se caracterizam e

funcionam os espaços das bibliotecas das escolas classes de Brasília? Como a escola articula as propostas de utilização destes espaços? O que dizem os documentos oficiais sobre os espaços da biblioteca em escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Quais as possibilidades de trabalhar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa nos espaços das bibliotecas?

Estas questões norteadoras me levaram a elaborar a seguinte questão principal: Como os processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa se dão nos espaços das bibliotecas de escolas classes de Brasília?

Para a realização deste estudo, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Conhecer como são utilizados os espaços das bibliotecas em escolas classes de Brasília, a fim de caracterizá-los e refletir sobre possibilidades que contribuam para o ensino e a aprendizagem na área da Língua Portuguesa.

Objetivos Específicos:

- Caracterizar os espaços das bibliotecas das escolas classes visitadas;
- Analisar a utilização da biblioteca pelos professores e alunos;
- Identificar possibilidades de trabalho para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa com crianças do Ensino Fundamental I.

As escolas escolhidas para a realização da pesquisa foram Escolas Classes¹ localizadas na Asa Norte do Plano Piloto – Brasília. Os principais sujeitos da pesquisa são os alunos, professores e profissionais atuantes nas bibliotecas de quatro escolas, tendo em vista que estes são os que têm – ou deveriam ter – maior contato com estes espaços.

A pesquisa possui caráter qualitativo e bibliográfico. A abordagem qualitativa foi escolhida pela possibilidade de realizar uma análise subjetiva dos dados

¹ O conceito de Escola Classe (EC) foi apresentado por Anísio Teixeira no “Plano de Construções Escolares de Brasília”, datado de 1961. Originalmente, essas escolas destinavam-se “a educação intelectual sistemática de menores nas idades de 7 a 14 anos, em curso completo de seis anos ou séries escolares.” (TEIXEIRA, 1961, p. 195). Atualmente essas escolas são voltadas para crianças que cursam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental – Ensino Fundamental I.

coletados além de ter a possibilidade de utilizar um ambiente natural como local de pesquisa. As técnicas utilizadas foram a observação, questionários e a entrevista.

Essa pesquisa se justifica na esfera pessoal, pois “Processos de alfabetização” e “Ensino e aprendizagem da língua materna” foram algumas das disciplinas que mais me chamaram atenção na minha graduação na Universidade de Brasília. Nelas eu pude aprender maneiras de ensino e processos de aprendizado da língua portuguesa no Ensino Fundamental e despertaram o meu interesse para observar *in loco* como isso acontece. Além disso, a prática da leitura e seus benefícios são temáticas que chamam muito a minha atenção.

A nível profissional essa temática apresenta bastante relevância, tendo em vista que, como futura pedagoga, poderei atuar em classes de alfabetização e utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa e da minha trajetória acadêmica na minha atuação em sala de aula, usando a biblioteca como um espaço de aquisição e produção de conhecimento e incentivo à leitura.

Esse trabalho também poderá auxiliar as escolas onde a pesquisa foi realizada, pois elas terão dados reais sobre como esse espaço está sendo utilizado pelos professores e pelos alunos e, a partir dos dados coletados, perceberem o que está bom e o que ainda pode ser melhorado para que a leitura e a escrita estejam mais presente no cotidiano dos alunos.

2.0 - REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresentará o referencial teórico que norteia esta pesquisa. As temáticas apresentadas serão os aspectos históricos e legais da biblioteca escolar, o ensino e o aprendizado da língua portuguesa e a utilização da biblioteca escolar neste processo de ensino-aprendizagem.

2.1 – Biblioteca escolar: aspectos históricos e legais

Conforme nos apresenta Sala e Militão (2017), poucos são os registros no que diz respeito aos aspectos históricos da BE no Brasil, o que dificulta uma exposição mais elaborada acerca da temática. Além disso, não temos a pretensão de apresentar os fatos históricos relacionados à biblioteca de forma muito detalhada, tendo em vista que o objetivo principal deste trabalho é discutir sobre os processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa que atualmente acontecem nas bibliotecas das escolas classes de Brasília. Entretanto, destacamos alguns aspectos históricos e legais que consideramos relevantes para a compreensão do objeto de estudo.

Segundo Milanesi (1998), os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 tendo como objetivo educar os colonos e catequizar os índios. Foram eles que trouxeram os primeiros livros. Sendo assim, podemos perceber que os livros fazem parte da nossa cultura desde o século XVI, quando se deu esse acontecimento.

Araújo e Silva (2018, p. 11) afirmam que “se a educação neste período era exclusivamente da responsabilidade dos religiosos, pode-se dizer que foram os jesuítas que implantaram as primeiras bibliotecas junto às suas escolas.”. Eles tinham a necessidade de inserir novos livros em suas bibliotecas não somente para uso pessoal, mas também pelo importante papel de instruir seus alunos desde o ensino das primeiras letras até cursos de filosofia. Essas bibliotecas não eram de uso exclusivo dos padres da Companhia de Jesus e dos seus alunos, entretanto, eram eles quem mais as utilizavam. (MORAES, 1979)

Com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, em 1759, as bibliotecas por eles utilizadas ficaram abandonadas e a maior parte dos livros que compunham o acervo foi vendida ou consumida pela umidade e por insetos. (MORAES, 1979)

De acordo com Hallewell (1985, p. 11 apud Araújo e Silva 2018, p. 13):

A grande perda que o Brasil sofreu com a dissolução da Companhia pode ser sentida na destruição das suas bibliotecas: quinze mil volumes se perderam no colégio em Salvador, outros cinco mil no Rio de Janeiro, além de mais doze mil apenas nos colégios do Maranhão e Pará.

Entretanto, cabe destacar que não foram apenas os jesuítas que realizaram este trabalho de ensino aqui no Brasil. Outras ordens religiosas – como os carmelitas, beneditinos e franciscanos – também exerceram esse papel e possuíam boas bibliotecas. (MORAES, 1979)

Outro marco importante para a história das bibliotecas escolares no Brasil foi o movimento da Escola Nova, ocorrido por volta de 1930. De acordo com Oriá,

Anísio Teixeira, um dos mentores desse movimento de renovação da educação brasileira, já propugnava por uma escola que tivesse um espaço dedicado à leitura e à pesquisa. Aliás, o modelo de “Escola Nova”, baseado em métodos mais ativos de ensino, que colocavam o aluno e professor no centro do processo ensino-aprendizagem, exigiam a existência de uma biblioteca e outros recursos didático-pedagógicos. (ORÍÁ, 2017, p. 8)

Aos poucos as bibliotecas foram ganhando mais espaço e, atualmente, já podemos vê-las em locais abertos para a comunidade, em universidades, seminários, escolas, órgãos públicos, entre outros. A BE é um assunto recente na legislação nacional e educacional, tendo apenas uma lei nacional que objetiva universalizar as bibliotecas das instituições escolares do País, que é a Lei nº 12.244/2010.

Ademais, a biblioteca está presente em alguns programas relacionados à educação, dentre os quais destacamos o Programa Nacional Biblioteca na Escola e o Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático.

A lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, caracteriza a BE como sendo “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010, Art. 2º).

Determina também que, no prazo de 10 anos, todas as escolas, públicas e privadas, devem conter uma biblioteca.

A criação dessa lei apresentou um avanço, tendo em vista que antes da sua criação não havia nada que determinasse a existência deste espaço nas escolas e, a partir dela, determinou-se que todas as escolas devem contar com bibliotecas. Mas entendemos que é necessário que o que está disposto na lei seja colocado em prática.

Dados do Censo Escolar de 2018 demonstram que a média da disponibilidade de bibliotecas ou salas de leitura nas escolas de Ensino Fundamental é de 74,4%, sendo que as escolas federais são as que mais dispõem destes espaços (95,7%) e as da rede municipal as que menos dispõem (40,1%). Há de se destacar que a lei não determina nenhum tipo de punição ou qualquer outro tipo de medida a ser tomada em caso de descumprimento.

Consideramos que estes índices ainda não estão adequados e advertimos que as bibliotecas não devem estar nas escolas para simplesmente entrarem nas estatísticas. Se estes espaços não forem devidamente utilizados através de uma efetiva participação de professores e alunos, de nada adianta.

A lei nº 12.244/2010 não se preocupa apenas em determinar a presença das bibliotecas nas escolas, mas também apresenta uma quantidade mínima de livros no acervo que é de “no mínimo, um título para cada aluno matriculado” (BRASIL, 2010, artigo. 2º, parágrafo único). Inicialmente, essa quantidade parece ser suficiente, mas a longo prazo pode tornar-se insatisfatório; por isso é fundamental que conforme surja a necessidade dos estudantes, este acervo seja ampliado. Poucos livros fariam com que os alunos lessem diversas vezes a mesma obra, o que poderia gerar desânimo no desenvolvimento do hábito da leitura. Não podemos nos esquecer de que o cumprimento do que determina a lei exige uma quantia significativa de recursos financeiros e nem todas as escolas teriam condições de adquiri-los.

Faz-se necessário esclarecer que a referida lei não especifica de onde virá a verba para a aquisição destes livros, entretanto – em 1997 – o governo federal desenvolveu o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Ele promovia – dentre outras coisas – o incentivo à leitura através da distribuição de obras literárias às escolas públicas do Brasil abrangendo todos os níveis da educação básica, sejam elas do âmbito federal, estadual ou municipal.

Como forma de substituir o PNBE, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. O PNLD avalia e disponibiliza materiais voltados à prática educativa, como obras didáticas e literárias.

Entretanto, um novo decreto foi criado para unificar o PNBE e o PNLD, o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, criando assim o Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático. O programa é financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

É necessário destacar o papel importante que o espaço físico das bibliotecas tem para um efetivo resultado desse programa, tendo em vista que elas são os locais mais adequados para que esses livros sejam organizados e estejam à disposição do público. Outro aspecto que vale a pena ser destacado é o de que as escolas devem desenvolver ações para que haja o incentivo à leitura e conservação das obras. O investimento em livros para compor o acervo é muito importante, mas também é importante uma boa conservação e utilização do material, fazendo com que todo o investimento feito não seja em vão.

Após essa breve apresentação de aspectos históricos e legais, passaremos para o subcapítulo que trata do ensino e aprendizado da língua portuguesa para então discutirmos esse espaço da biblioteca escolar e as possibilidades de aprendizagem da leitura e escrita.

2.2 – O ensino e o aprendizado da língua portuguesa: oralidade, leitura e escrita

Segundo Soares (2001, p.36) “quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire outro estado, outra condição”.

A partir da citação acima, podemos perceber que a língua portuguesa – mais especificamente a leitura, a escrita e a oralidade – apresenta extrema importância na nossa sociedade contemporânea, tendo em vista que a todo o momento precisamos dessas habilidades para desenvolvermos desde atividades simples, como: escrever um e-mail, ler placas de sinalização, letreiros de ônibus, assinar o nome, nos comunicar – seja de maneira oral ou escrita – entre outros; quanto para atividades

mais complexas que exigem mais conhecimento sobre a língua, como: ler e escrever determinados tipos de livros, escrever trabalhos acadêmicos, comunicar-se utilizando a linguagem formal, etc. A língua portuguesa é uma das disciplinas obrigatórias da educação básica. O estudo e domínio da língua, seja ela oral ou escrita, são de suma importância para todos nós, pois apresenta uma relevância social muito grande. Através dela ocorre, entre outras coisas, a produção de conhecimento, os registros escritos, a comunicação, as trocas de experiências, o desenvolvimento da cultura e o seu perpassar entre as gerações.

Mas a disciplina Português só começou a fazer parte dos currículos escolares brasileiros no século XIX; antes disso a Língua Portuguesa se restringia a alfabetização. Quando a Língua Portuguesa passou a configurar uma disciplina escolar, ela tinha um caráter prescritivo e normativo, com primazia na gramática. (SOARES, 1996)

Conforme Malfacini (2015), o ensino do Português no Brasil sofreu várias mudanças, e a que destacamos dentre as que a autora descreve aconteceu em virtude da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5692/71). Para esta autora, essa mudança foi resultante da intervenção feita naquele momento histórico pelo movimento militar de 1964. A nova lei punha a educação a serviço dos objetivos e ideologia do governo vigente, passando a língua a ser considerada instrumento para esse desenvolvimento, com seu foco voltado para o uso. Ela diz que na época, mudou-se a denominação da disciplina, nas séries iniciais, de Português para Comunicação e Expressão, e que os objetivos desse ensino passaram a ser pragmáticos e utilitários, com o aluno considerado emissor e receptor de códigos diversos, verbais e não verbais.

Nesse cenário, a gramática passou a ser minimizada nos livros didáticos e os textos de jornais e revistas passaram a conviver com os textos literários. A linguagem oral também passou a ser valorizada e, pela primeira vez, apareceram nos livros didáticos exercícios voltados para o desenvolvimento da linguagem oral em seu uso cotidiano. (MALFACINI, 2015). Ela ainda diz que nos anos 80, vemos a Linguística aplicada ao ensino do Português chegando às escolas, sobretudo com as vertentes da Sociolinguística, Psicolinguística, Linguística Textual, Pragmática e Análise do Discurso, e que são diversas e significativas as interferências delas no componente curricular de Língua Portuguesa ainda em curso.

Assim, entendemos que precisamos considerar o papel que o professor apresenta neste processo de ensino da língua materna e como isso gera muita responsabilidade a este ato de ensinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É notório que todas as áreas do conhecimento são importantes, mas o ensino da língua merece destaque, pois, conforme nos apresenta Gomes (2007), a leitura e a escrita se fazem necessárias para o aprendizado das demais disciplinas.

O ensino da língua materna, no nosso caso a língua portuguesa, é algo complexo de ser feito. Por mais que nós tenhamos contato com a língua desde a mais tenra idade, o processo de ensino-aprendizagem não se dá de forma natural, pelo contrário, ele deve ser feito de forma planejada, sistemática e intencional.

Como dito anteriormente, entendemos que o aprendizado da língua não acontece de forma natural, tampouco é um processo rápido e simples. Dessa forma se faz necessário que as crianças, antes mesmo de serem alfabetizadas, desenvolvam a oralidade, o gosto pela leitura, a imaginação, pois “a capacidade de leitura e escrita não se adquire em bloco e de uma só vez, mas depende de habilidades adquiridas antes da alfabetização e desenvolvidas e consolidadas depois dela [...]”. (BRASIL, 2019, p. 21)

“A oralidade é entendida como uma atividade verbal presente nas mais diferentes situações em que o indivíduo possa se inserir ao longo da sua vida, é a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana.” (SANTOS; FARAGO, 2015, p. 112) e para que a criança consiga desenvolver essa atividade verbal se faz necessário que ela tenha contato com atividades que trabalhem primeiramente a escuta para que, conseqüentemente, se desenvolva a fala e a escrita.

É por meio da interação com outras pessoas nos mais diversos ambientes que as crianças frequentam que elas terão contato com a linguagem oral, com a escrita e com a leitura. Isto pode acontecer por meio de brincadeiras, conversas, contação de histórias, parlendas, poesias, mas também na ida ao supermercado, no shopping, nas ruas, etc. Através da realização dessas atividades as crianças ampliarão o vocabulário, desenvolverão a fala, perceberão a relação entre a linguagem escrita e a linguagem falada, entre outros.

Para a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental deve ser a alfabetização através do ensino dos signos e do desenvolvimento da consciência fonológica, construindo a relação grafema-fonema. (BRASIL, 2017).

No entanto, é necessário pontuar que há uma grande discussão entre os estudiosos da área sobre o que é a alfabetização e sobre quais os melhores métodos para alfabetizar, se os sintéticos ou analíticos.

Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos *sintéticos*, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos *analíticos*, que partem da palavra ou de unidades maiores. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1986, p.18)

É fato que no Brasil por muito tempo se acreditou que o melhor método era o sintético, especialmente o da silabação. Para Carvalho (2005, p.23), o método da silabação tem “ênfase excessiva nos mecanismos de codificação e decodificação, apelo excessivo à memória e não à compreensão, gera pouca capacidade de motivar os alunos para a leitura e para a escrita.”. Esta forma de compreender a alfabetização trouxe implicações para o ensino e aprendizagem, pois entende a criança como um ser passivo no processo de aprendizagem.

Contra-pondo-se a essa compreensão de alfabetização, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) propõem a teoria da psicogênese da língua escrita. Essa teoria considera que as crianças pensam sobre a escrita e que passam por níveis de assimilação da linguagem escrita, a saber: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético. (DOS SANTOS et al., 2018)

No nível pré-silábico a criança registra por meio de garatujas; no nível silábico tem-se a noção de sílaba, mas escreve como se cada letra fosse uma sílaba; no nível silábico-alfabético a criança já compreende que uma sílaba é composta por mais de uma letra, mas ainda omite vogais ou consoantes e no nível alfabético a criança consegue fazer a distinção entre letra, sílaba e palavra. (ibidem).

Um fato importante a considerar é que Ferreira e Teberosky não criaram um novo método de alfabetização, mas propuseram uma reflexão teórica sobre a

alfabetização enquanto um processo de construção do sistema da escrita. Elas consideram a criança um sujeito ativo neste processo, que pensa sobre a escrita e que elabora hipóteses sobre seu funcionamento.

Para as autoras, as crianças que estão no nível pré-silábico não conseguem atribuir valor sonoro às letras.

[...] Neste nível a leitura do escrito é sempre global, e as relações entre as partes e o todo estão muito longe de serem analisáveis: assim, cada letra vale pelo todo, como o veremos a propósito da leitura do próprio nome. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.189).

Já no nível silábico, as crianças atribuem um valor sonoro às letras. Aqui acontece um grande avanço no processo de compreensão da escrita.

[...] Nesse nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nessa tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. É o surgimento do que chamaremos a hipótese silábica. Com esta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.193).

Para as autoras, as crianças passam por um nível de transição antes de serem consideradas alfabetizadas, isto é, o nível silábico-alfabético. Elas ainda não abandonam a hipótese silábica, mas começam a perceber que para escrever uma sílaba é possível usar mais de uma letra. Já a escrita alfabética

[...] constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou “a barreira do código”; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, em sentido estrito. Parece-nos importante fazer esta distinção, já que amiúde se confundem as dificuldades ortográficas com as dificuldades de compreensão do sistema de escrita. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.213).

Essa teoria ajuda na compreensão de como acontece o processo de aprendizado da língua escrita e possibilita ao professor identificar em qual nível cada aluno está para planejar estratégias que favoreçam o avanço do aluno até chegar ao nível alfabético. Mas é importante que os professores entendam a alfabetização

enquanto um processo, isto é, ela pode iniciar antes mesmo da criança estar na escola, assim como ela pode se estender durante todos os anos iniciais do Ensino Fundamental. Também deve-se considerar as experiências com a leitura e a escrita enquanto práticas sociais, pois ao ter contato com essas práticas, a criança irá pensar, elaborar e abandonar as hipóteses sobre a construção da escrita. Isto nos ajuda a defender ainda mais a BE como um espaço de aprendizagem da Língua Portuguesa.

Desta forma, entendemos que para que o aprendizado da escrita aconteça, se faz necessário o contato com os mais variados textos escritos e com pessoas que já saibam escrever, ou seja, a interação é algo importante nessa fase (BRASIL, 1997), o que não quer dizer que a criança não precise aprender a reconhecer sons e signos da escrita, assim como fazer associações entre estes. Mas é a partir do contato com os diferentes tipos de textos que as crianças perceberão como a leitura e a escrita são usadas no cotidiano, bem como perceberão o valor social vinculado a essas práticas e poderão perceber a importância de aprender a ler e a escrever.

Algumas atividades podem ser feitas para o desenvolvimento da prática de produção textual na escola, como: a produção de cartas para serem trocadas entre os alunos ou a criação de uma história.

Sobre a leitura, Sim-Sim (2009, p. 3) afirma que “o desejo de ler é a consequência lógica da descoberta da função do registro escrito”, diz ainda que “quando a linguagem escrita faz parte do cotidiano da criança, através dos livros de histórias que lhe leem, das revistas que folheia, dos jornais que vê os adultos lerem e comentarem [...] surge o interesse pela leitura e a vontade de aprender a ler.”.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – importantes documentos publicados no ano de 1997 que orientaram a nossa educação escolar – podemos observar, dentre diversas outras coisas, como a leitura apresenta um importante papel no ensino da língua portuguesa. Vemos ainda que:

para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (BRASIL, 1997, p. 42)

A leitura não é importante somente para a disciplina de língua portuguesa, tampouco se faz necessária somente no contexto escolar. É a partir dela que os estudantes terão mais autonomia no aprendizado das mais diversas disciplinas, mas também na vida que acontece fora da escola.

E sobre a formação de leitores, o PCN nos diz que:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (BRASIL, 1997, p. 29)

Pode-se pensar que as crianças do Ensino Fundamental I são muito novas e não possuem a capacidade de entrar em contato com leituras um pouco mais exigentes, presentes em livros de literatura. O que fará elas progredirem na leitura não é apresentação de uma lista de palavras, o que muitas vezes ocorre fora de contexto; mas justamente o contrário.

A literatura é um aspecto importante a ser considerado. A leitura não serve apenas para nos transmitir informações práticas para a vida; ela também é importante para a formação do nosso imaginário, permitindo-nos “viver” novas experiências quando nos colocamos no lugar dos personagens.

O PCN ainda nos apresenta algumas condições favoráveis a formação de leitores, dentre as quais destaco:

dispor de uma biblioteca na escola; dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura em que o professor também leia; planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais. (BRASIL, 1997, p. 43)

Dentre as diversas condições apresentadas pelo PCN para a formação de leitores, destacamos essas quatro por considerá-las essenciais. Dispor de uma biblioteca e de um acervo em sala se faz necessário para que as crianças tenham o contato com os livros. Não podemos ensinar a ler se não há o que ler.

As outras duas condições destacadas têm relação direta com o professor: incluir a leitura no planejamento das atividades diárias e momentos de leitura que o professor também leia. Não faz sentido um professor querer ensinar aos seus alunos a ler e a importância deste ato se ele próprio não é leitor. As crianças precisam ver os seus professores lendo para que percebam que aquilo não é exclusivo aos

estudantes. Além disso, incluir a leitura nas atividades diárias faz com que a fluência, o hábito e o gosto pela leitura se desenvolvam, afinal, só gostamos daquilo que conhecemos. “Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina ler e a escrever.”. (BRASIL, 1997, p. 47)

A leitura e a escrita são processos complementares; à medida que lemos desenvolvemos tanto a leitura (tornando-a mais fluida) quanto a escrita (através do aprendizado das palavras inseridas nos textos).

De acordo com o Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 21), currículo que pauta a educação das escolas públicas do Distrito Federal, espera-se que ao final do 3º ano do Ensino Fundamental “o estudante seja capaz de usar a leitura e a escrita eficientemente em situações comunicativas da vida em sociedade [...]”. Já para os estudantes do 4º e 5º anos, dando continuidade ao que foi aprendido nos anos iniciais “devem ser oportunizadas situações de letramento que retomem, aprofundem e ampliem conteúdos [...]; aumentando a competência comunicativa para expressar-se de forma adequada nas diversas situações e práticas sociais.”. (SOARES, 2002, P.144). O letramento, aqui entendido como “as práticas sociais de leitura e escrita [...]” (ibidem) deverá caminhar junto com a alfabetização, tendo em vista que os estudantes devem fazer uso da leitura e da escrita objetivando sua constante utilização nas diversas atividades do cotidiano.

Tendo visto sobre a importância da língua portuguesa e o seu ensino, passaremos ao próximo tópico que tratará do espaço da biblioteca escolar e o ensino e aprendizado da língua portuguesa.

2.3– A utilização da biblioteca escolar no processo de ensino e aprendizado da língua portuguesa

Antes mesmo de apontar o papel que a BE possui no ensino e aprendizado da língua portuguesa, se faz necessário trazer algumas considerações sobre este espaço. Para Côrte e Bandeira (2011, p. 8) a BE

é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura.

Ou seja, ela não é um simples espaço onde se guardam livros, um lugar que tem pouco valor na escola, mas sim um espaço que colabora para a construção do conhecimento. E sobre o papel que cabe a ela desempenhar em uma instituição de ensino, Filho (2010 apud CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 3) nos diz que

O papel da biblioteca escolar é incentivar a leitura reflexiva, pois através dela o aluno terá outra concepção do texto, não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas como algo vivo, repleto de significados e informações interessantes.

Dessa forma, a biblioteca – se bem aproveitada no processo educacional – pode ser um importante elemento para o ensino e aprendizado dos mais variados assuntos, não somente na área de língua portuguesa. Além disso, contribui para o desenvolvimento do hábito da leitura, colaborando diretamente no desempenho dos professores e alunos em sala de aula.

A utilização ou a não utilização da biblioteca reflete que tipo de educação a escola acredita e qual tipo de estudante ela quer formar, pois “os conhecimentos adquiridos [na biblioteca escolar] irão transformá-lo num ser pensante, participativo do seu mundo, representante fiel do homem que a sociedade precisa e almeja.” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p.7). Por isso que a leitura vai muito além de um simples passatempo ou de algo utilizado somente para o ensino de estruturas gramaticais e gêneros textuais, ela expande a forma de estar e enxergar o mundo.

Além disso, “O papel da biblioteca escolar é incentivar a leitura reflexiva, pois através dela o aluno terá outra concepção do texto, não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas como algo vivo, repleto de significados e informações interessantes.”. (SANTANA FILHO, 2010 apud CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 3)

Mas para que ela possa ser bem utilizada, se faz necessário pensar em dois aspectos importantes: o espaço físico e o planejamento pedagógico. Ainda vemos as bibliotecas sendo utilizadas em muitas escolas como um depósito de livros, funcionando “[...] como apêndice da educação: sem bibliotecário, localizadas em salas impróprias, com acervo desatualizado e sem diversidade de leituras [...], sem atividades que promovam o prazer de ler, etc.” (BECKER; GROSH, 2008, p. 40)

Não se pode pensar em uma boa utilização da biblioteca se o seu espaço físico não é apropriado para tal. Uma escola que utiliza este espaço como um mero depósito não pode exigir dos seus alunos que eles tenham compromisso com a leitura e a valorizem, pois essa atitude só demonstra que a própria escola não a valoriza. Por menor que sejam as condições econômicas da escola, é possível que três coisas básicas sejam garantidas: a limpeza, a organização e a utilização. Se esses três elementos estiverem presentes, já não se pode falar que o espaço virou um depósito. É papel de toda a comunidade escolar zelar, tanto do espaço físico quanto do acervo, para que sempre se tenham boas condições de uso.

A ideia de que a biblioteca é um lugar de castigo não pode existir, pois, dessa forma, os estudantes não terão vontade de frequentar este espaço tampouco desenvolverão o gosto pela leitura. Becker e Grosh (2008, p. 42) nos diz que muitas vezes

o primeiro contato com a biblioteca escolar é [...] um acontecimento negativo, onde a biblioteca passa a ser sinônimo de castigos, imposições, proibições e desconfortos, enquanto deveria constituir-se de uma experiência extremamente positiva.

O outro aspecto a ser considerado é o planejamento pedagógico. O planejamento é necessário para que haja uma intencionalidade na utilização da biblioteca, caso contrário, ela se torna apenas mais um espaço na escola. É a partir do planejamento que os objetivos com o uso da biblioteca serão definidos e as atividades estabelecidas, ou seja, o planejamento norteará a prática. Caldeira (2016, p.49) afirma que “uma biblioteca que conte com um programa de atividades bem planejado e integrado aos projetos curriculares da escola será um espaço belo e alegre”.

O professor possui um papel de destaque no planejamento, pois é dele a tarefa de elaborá-lo, de preferência e se possível, junto com o profissional que atua na biblioteca. É um trabalho em conjunto: o professor conhece os seus alunos e percebe o que é necessário ensinar e o profissional da biblioteca, que conhece muito bem este espaço, o auxilia nas escolhas das obras a serem utilizadas e tarefas a serem realizadas, caso contrário, "o não entendimento ou a não integração entre o profissional da biblioteca e o professor cria um conflito que dilui, muitas vezes, a função educativa da biblioteca, alienando-a do contexto pedagógico da escola [...]”. (SILVA, 2009 apud CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 14)

O trabalho integrado entre o profissional atuante na biblioteca e o professor pode favorecer o aprendizado dos alunos, tendo em vista que a troca de conhecimentos e experiências desses profissionais e as possibilidades de projetos e atividades que se abrem a partir desse trabalho em conjunto contribuiriam no processo de ensino.

Sobre isso, Silva (1989 apud CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 13) nos diz que:

Sem a participação – ativa e constante – dos professores, a dinamização da biblioteca escolar dificilmente será viabilizada na prática. Isto porque são os professores os responsáveis pelo planejamento do ensino, o que, direta ou indiretamente, repercute na distribuição do tempo acadêmico.

Mas para que o professor utilize a biblioteca em suas práticas pedagógicas, se faz necessário que ele seja leitor e que frequente a biblioteca, pois é a partir disso que ele verá a importância de utilizar este espaço com os seus alunos e estabelecerá uma relação entre o ensino e a biblioteca.

Sobre a relação de complementariedade que o ensino e a biblioteca possuem, Lourenço Filho (1946, p. 3-4 apud COSTA, 2013, p. 16) nos diz que

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...], ensino e biblioteca não se excluem, complementam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a alternativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto.

O trecho acima faz referência ao ensino de modo geral, mas, para este trabalho, podemos considera-lo no contexto do ensino da língua portuguesa. A biblioteca escolar abarca a língua portuguesa na oralidade (através de teatros, recontos orais, conversas sobre o que entendeu da história); na escrita (realizando recontos escritos, sínteses, criação de histórias e poesias) e na leitura (através da leitura dos mais diversos gêneros literários presentes nas bibliotecas). Esses são apenas alguns exemplos das dezenas de outras possibilidades.

Cabe salientar que a BE é fundamental para um ensino de qualidade. (BRASIL, 1997). A biblioteca pode ser apenas mais um espaço na escola ou pode ser um ambiente complementar ao processo de ensino e aprendizado da língua portuguesa, e o que determinará isso é a atitude que a escola apresenta diante deste ambiente.

Com o objetivo de apresentar ideias práticas para que a biblioteca seja articulada ao ensino da língua portuguesa, apresentamos algumas atividades sugeridas por Côrte e Bandeira que, ao nosso ver, são as mais viáveis para serem realizadas no Ensino Fundamental. São elas: hora do conto; sarau literário, sarau poético e sarau musical; roda de leitura; feira do livro; teatro; premiações. (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 127-131).

A hora do conto é uma atividade que auxilia no desenvolvimento da oralidade e na percepção dos alunos de que a palavra falada tem uma relação direta com a escrita.

O teatro e os sarais são formas de auxiliar no desenvolvimento da oralidade, tendo em vista que os estudantes participam ativamente das atividades. A roda de leitura também ajuda no desenvolvimento da oralidade, pois, de acordo com os autores, essa atividade é uma conversa sobre um texto que foi previamente lido pelo professor. (CÔRTE; BANDEIRA, 2011). Além disso, a roda de leitura favorece o pensar das crianças sobre como ocorre a leitura, ajuda a perceber que o que está sendo lido são palavras e não imagens, de que o leitor lê de cima para baixo e da esquerda para a direita, de que há uma relação direta com o que está sendo falado e o que está escrito, etc.

A feira do livro e as premiações são formas de incentivar a leitura. A primeira possibilita a troca de livros entre os alunos, estimulando a leitura dos livros que mais os interessam; a segunda premia os estudantes mais ativos com as atividades desenvolvidas pela biblioteca e pela quantidade de livros lidos (ibidem), dessa forma os alunos se sentem estimulados a frequentar a biblioteca e pegar livros emprestados.

Escrever de forma espontânea uma legenda para alguma imagem do livro lido pelo professor ou escrever os nomes dos personagens da história são sugestões de atividades que podem ser utilizadas na biblioteca com o objetivo de desenvolver a escrita tanto dos alunos que estão em um nível mais inicial da escrita quanto daqueles que estão em um nível mais avançado. O texto coletivo, por exemplo, é uma atividade que pode favorecer um trabalho em conjunto das crianças que estão em diferentes níveis da escrita. Essas atividades são apenas sugestões para que a utilização da biblioteca escolar seja mais dinâmica, favorecendo o aprendizado da

língua portuguesa e despertando o interesse dos alunos a estarem neste local que pode parecer pouco atrativo, mas que pode – e deve – ser agradável de estar.

Isto posto, iniciaremos a seguir o capítulo que trata da metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa.

3.0 – METODOLOGIA

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa, considerando o objetivo geral que é conhecer como são utilizados os espaços das bibliotecas em escolas classes de Brasília, a fim de caracterizá-los. Apresentamos os instrumentos e técnicas de pesquisa e descrevemos o contexto da pesquisa.

3.1 – A pesquisa qualitativa

O uso da abordagem qualitativa para a realização deste estudo justifica-se por ser a melhor opção para chegar aos objetivos estabelecidos, tendo em vista a possibilidade de utilização do ambiente natural como fonte de coleta de dados e por perceber a importância que o ambiente e as pessoas inseridas nele apresentam para o desenvolvimento da pesquisa. De acordo com Godoy (1995, p. 62), “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural”.

Nesse tipo de pesquisa não há a neutralidade entre o pesquisador e o que está sendo pesquisado, porque o pesquisador participa do processo. Sobre os pesquisadores, Godoy (1995) afirma que estes estão mais preocupados com o processo de pesquisa e não somente com os resultados obtidos através dela. Sendo assim, tudo o que envolve o ambiente e o comportamento das pessoas inseridas neste local podem ser dados relevantes.

Houve flexibilidade no decorrer da pesquisa, tendo em vista que ela foi realizada em espaços escolares e com diferentes sujeitos; sendo assim, não teria como eu, enquanto pesquisadora, ter controle das pessoas que participaram e de tudo o que acontecia nesses ambientes.

Para alcançar os objetivos previamente estabelecidos, foram escolhidas cinco escolas localizadas na Asa Norte – Brasília – para serem visitadas. Fui a seis escolas, mas apenas quatro se dispuseram a participar. O critério de escolha das escolas visitadas foi a proximidade com a Universidade de Brasília.

Para a melhor compreensão do leitor sobre o contexto da pesquisa, o quadro abaixo mostra os nomes das escolas² visitadas e os nomes dos profissionais³ que foram entrevistados e/ou responderam ao questionário.

Quadro 1 – Relação escolas e profissionais

Escola	Profissional da biblioteca	Professor de sala de aula
Escola A	Nalva e Tábata	-----
Escola B	-----	Natália
Escola C	Maria	Renata
Escola D	-----	Marina

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Nossa intenção com a visita nas escolas era conhecer os espaços das bibliotecas, conhecer o acervo, saber como eram utilizadas, com que frequência e propósitos, também de conhecer quem usava esses espaços, de conversar com as pessoas, os professores, os profissionais das bibliotecas e as crianças. Assim, optamos pela observação, entrevista e questionário enquanto técnicas e instrumentos para gerar os dados da pesquisa. A seguir tratamos um pouco disto.

3.2– Técnicas e instrumentos de pesquisa

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram observação, entrevista e questionários.

3.2.1 – Observação

Gil (2011, p. 100) nos diz que “a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa”. O autor ainda classifica a observação em três tipos: simples, participante e sistemática.

² As escolas serão identificadas por letras para que tenham suas identidades preservadas.

³ Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, utilizamos nomes fictícios.

A observação utilizada na pesquisa foi a simples, tendo em vista que a pesquisadora esteve alheia à situação observada com o intuito de não interferir no comportamento das pessoas presentes no local.

O objetivo das sessões de observação era compreender como se dava a utilização destes espaços no dia a dia, a estrutura e o funcionamento. O plano inicial era fazer a observação nas bibliotecas presentes em todas as escolas selecionadas para as visitas. O tempo pretendido para a observação era de oito horas em cada escola.

Ao chegar, me deparei com algumas situações inesperadas: nem todas as escolas possuíam bibliotecas e as que possuíam não dispuseram todo esse tempo. Por essa razão, a observação foi feita em apenas três escolas. Em duas escolas (Escola C e Escola A) observei a rotina das bibliotecas, e em outra (Escola B) observei uma atividade realizada no pátio da escola que tem relação com um dos projetos de leitura. Neste período pude observar, a partir de um roteiro por mim elaborado, a organização da biblioteca, o acervo, a participação dos alunos, as atividades realizadas pelos profissionais que lá atuavam, entre outros.

3.2.2 – Entrevista

A entrevista foi escolhida pela possibilidade de obtenção de dados relevantes à pesquisa através do diálogo com as pessoas pertencentes ao meio pesquisado. Gil (2008, p. 109) define a entrevista como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação.”.

Ela teve caráter semiestruturado, tendo em vista que foi elaborado previamente um roteiro (apêndice A) com perguntas visando guiar a entrevista. As perguntas eram abertas, possibilitando aos entrevistados responderem de forma mais livre e espontânea. O roteiro possuía 9 perguntas cujo principal objetivo era identificar o perfil dos profissionais que atuavam nas bibliotecas, conhecer as bibliotecas e, por fim, saber como esses profissionais compreendem a relação entre a BE e o ensino da língua portuguesa.

A entrevista era para ser feita com os profissionais responsáveis pelas bibliotecas de todas as escolas visitadas, contudo, apenas duas escolas contavam com esses profissionais.

Gil (ibidem) ainda nos diz que a entrevista “oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista”. Pude perceber isso na prática, considerando que cada entrevista ocorreu de uma forma, mesmo tendo sido utilizado o mesmo roteiro em todas elas.

Na Escola A, foram entrevistadas duas professoras que atuam na biblioteca, uma do período da tarde e outra do período da manhã. Elas estavam reunidas para preparar o planejamento das próximas atividades que iam ocorrer na biblioteca e mesmo ocupadas foram muito solícitas em participar. A entrevista ocorreu na própria biblioteca da escola no período vespertino e se pareceu mais com uma conversa do que com uma entrevista propriamente dita, tendo em vista que uma professora complementava a fala da outra professora.

A professora que trabalha na biblioteca da Escola C também foi muito solícita durante a entrevista e durante todo o tempo de observação. A entrevista foi realizada na própria biblioteca no início do turno vespertino e o resto da tarde foi destinada à observação na biblioteca e à aplicação dos questionários aos alunos e a professora.

3.2.3 – Questionário

O questionário é uma técnica de pesquisa onde questões são apresentadas a diversas pessoas visando a obtenção de dados acerca dos mais variados assuntos, como: interesses, comportamentos, valores etc. (GIL, 2008).

Gil (2008) nos diz que um dos aspectos positivos da utilização do questionário para a obtenção de dados é a possibilidade de abranger uma grande quantidade de pessoas. Para esta pesquisa, foram aplicados questionários a três professoras – uma de cada escola – todas atuantes no 5º ano do Ensino Fundamental, e aos seus respectivos alunos, um total de 45 estudantes.

O questionário para professores possuía apenas questões abertas. Como Gil (2011) nos apresenta, esse tipo de questão possibilita maior liberdade de resposta, e

era isso que eu buscava obter dos professores. A principal finalidade do questionário para os professores era compreender quais as metodologias utilizadas por eles no que tange ao ensino da escrita e de que forma a biblioteca se insere neste processo.

O questionário para os estudantes dispunha de questões fechadas e abertas e objetivava saber qual a relação que eles possuem com a leitura, de que forma eles utilizam a biblioteca e o que sugeririam para que o uso desse espaço melhorasse.

Essa técnica de pesquisa foi escolhida para que eu conseguisse obter dados não apenas de quem trabalha na biblioteca, mas também de sujeitos que estão diretamente ligados com a utilização deste espaço, algo que considero importante para alcançar os objetivos propostos neste trabalho.

Vale mencionar que todos os gestores das escolas visitadas assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a realização da pesquisa nas respectivas escolas, demonstrando ciência quanto aos objetivos da pesquisa.

3.3 – Chegada às escolas

A parte mais desgastante da pesquisa foi, sem dúvida, a procura por escolas que aceitassem participar da pesquisa. Como eu já havia feito pesquisas de campo em algumas escolas durante a graduação e nenhuma colocou obstáculos, imaginei que dessa vez seria a mesma coisa, mas não foi.

A minha maior preocupação era o tempo, pois eu dispunha de apenas duas semanas para realizar a pesquisa. Alguns obstáculos foram: autorização da Regional de Ensino – coisa que nunca haviam me pedido nas outras pesquisas que fiz –, semana de provas, coordenação pedagógica, projetos, ausência do coordenador no momento da minha visita, etc. Dessa forma, o que eu consegui de devolutiva foi: duas entrevistas, três observações, quarenta e cinco questionários respondidos dos estudantes e três dos professores.

A primeira escola visitada foi a Escola D. A coordenadora me recebeu bem, mas quando eu expliquei sobre a minha pesquisa ela logo riu. A princípio eu não havia entendido, mas ela me chamou para irmos à biblioteca e lá eu entendi o motivo do riso: a biblioteca era praticamente um depósito. Ela explicou que a escola não possui ninguém responsável por cuidar da biblioteca e que, por isso, os alunos

praticamente não a utilizam. A coordenadora falou que a utilização do espaço só é feita quando ela quer mostrar algum vídeo para os alunos.

A aplicação dos questionários foi feita no dia seguinte. A professora Marina já tinha sido avisada que eu iria lá no dia seguinte. Ao chegar, expliquei o objetivo da pesquisa e ela me levou à sala de aula. Em seguida expliquei aos alunos sobre os questionários e os apliquei. Eu tirava as dúvidas dos alunos durante a aplicação e a professora, enquanto respondia o questionário, me explicava um pouco melhor sobre a utilização da biblioteca. Ela me disse que gostaria muito de utilizar a biblioteca e que faz o que pode para incentivar os alunos a ler, mas que eles são desinteressados e não gostam.

Apenas um aluno não quis responder o questionário e foram poucos os que tiveram alguma dúvida sobre as questões.

Antes de eu ir embora, agradei a todos eles por terem participado e alguns alunos me desejaram boa sorte na pesquisa. Uma aluna em especial me disse: “tchau, Thaís. Boa sorte com a sua pesquisa e, quando se formar, seja professora daqui dessa escola, viu! ”.

A próxima escola foi a A. Ela foi a primeira escola a solicitar a autorização da Regional de Ensino, mas mesmo sem o documento em mãos, a coordenadora falou para eu combinar sobre a pesquisa com a professora da biblioteca. Por sorte, tanto a professora da manhã quanto a da tarde estavam lá. Ao explicar sobre a pesquisa, elas me parabenizaram pela escolha do tema e falaram para eu entrevistá-las naquele momento, aproveitando que as duas estavam lá.

O que mais me chamou atenção ao entrar na escola é que a biblioteca está bem na entrada. Ao entrar na biblioteca o que mais me chamou a atenção foi a organização. Lá é tudo muito bem organizado, o espaço é amplo, limpo, agradável de estar.

Elas disseram durante a entrevista que são professoras readaptadas e que estão perto de se aposentar. Acrescentaram que somente professores readaptados podem atuar nas bibliotecas escolares das escolas públicas do Distrito Federal e é por isso que muitas escolas estão sem ninguém nas bibliotecas, porque não tem quantidade suficiente de professores readaptados e muitos destes professores estão de atestado médico.

A entrevista foi mais longa do que o previsto justamente por ter tido esse formato de conversa. Deu para perceber como elas gostam do que fazem e como elas realmente estão dispostas a ajudar os alunos e os professores com o trabalho desenvolvido na biblioteca.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi o fato delas falarem que os alunos adoram ler, adoram ir à biblioteca – seja para ler, seja para realizar as atividades lá desenvolvidas. Ficou muito evidente como o ambiente influencia na forma que os alunos se relacionam com a biblioteca e com os livros, conseqüentemente, com o gosto pela leitura.

Voltei em outro dia para realizar a observação. Observei duas turmas, uma do 3º ano e outra do 5º ano. A atividade da semana tinha a ver com a semana da pessoa com deficiência. Todos os alunos participaram.

As professoras regentes ficaram na biblioteca durante todo o tempo dando suporte para as professoras da biblioteca e a maior diferença entre uma turma e outra era a atenção ao ver o vídeo e ao ouvir o que a Nalva tinha a dizer sobre o tema.

Após a realização da atividade, as crianças devolviam os livros que elas tinham pegado emprestado na última visita e escolhiam um outro. Elas não ficavam restritas a devolver o livro 15 dias depois, que era o dia em que teria atividade na biblioteca novamente. Inclusive, um dos comentários das professoras da biblioteca durante a entrevista é que sempre há alunos na biblioteca, muitos deles pegam mais de um livro na semana e muitos ficam na biblioteca durante o intervalo.

Infelizmente, não pude aplicar os questionários nesta escola, tendo em vista que a escola pediu que eu retornasse depois de um projeto que ocorreria na escola envolvendo todas as turmas, entretanto, eu não tinha disponibilidade neste período.

A terceira escola visitada foi a B. Assim que eu cheguei à escola percebi que ela estava sendo decorada com livros, gibis, cartas e convites para um evento que iria acontecer na biblioteca. Quando a coordenadora me recebeu, explicou que a biblioteca não é utilizada no dia a dia por falta de um profissional que cuide, mas que na escola há projetos que incentivam a leitura e me convidou para assistir a uma peça que fazia parte de um desses projetos.

O projeto é realizado com as turmas do 3º ano, mas para que as outras turmas participem de alguma forma, é realizada uma peça de teatro no pátio da

escola cuja temática é a biblioteca, livros e leitura. Os alunos interagiam bastante e pareciam estar gostando.

Foi a coordenadora que sugeriu que os questionários fossem aplicados em uma turma de 5º ano, mas como estava tendo revisões e provas durante aquela semana, ela pediu para que eu deixasse os questionários com a professora para que ela mesma aplicasse quando tivesse um tempinho. Dessa forma, deixei os questionários lá e os busquei alguns dias depois.

Alguns fatos me chamaram muita atenção nessa escola, alguns deles foram: alunos entrarem na escola lendo livros, o nível de escrita dos alunos que responderam os questionários e a fluência na leitura de alguns alunos. De modo geral, não é este o cenário que vemos na maioria das escolas públicas de Brasília.

Foi muito legal ver como nessa escola todos os profissionais abraçam a causa do incentivo à leitura. Inclusive, um dos projetos realizados na escola é a “Parada da Leitura”, em que todos da escola – professores, gestores, profissionais da limpeza, cozinha, vigias, etc. – param para ler. Isso mostra para os alunos que não são apenas eles, por serem estudantes, que devem ler.

A próxima escola visitada foi a C. Minha entrada foi muito tranquila. Ao explicar para a diretora o objetivo da minha pesquisa, ela me levou à biblioteca e falou para eu conversar com a professora que lá trabalha, a Maria. Disse que o que ela decidisse estava decidido. A professora Maria logo concordou e falou que eu já poderia começar a observação, tendo em vista que ela já estava recebendo os alunos para escolherem o livro da semana. Na mesma tarde eu observei o atendimento de duas turmas, fiz a entrevista e apliquei os questionários.

Nessa escola, observei a ida de duas turmas à biblioteca e em nenhum momento os estudantes estranharam a minha presença. Enquanto ocorria a observação, a professora Maria ia me explicando que cada turma vai à biblioteca uma vez na semana para que cada aluno escolha o livro que vai levar.

4.0 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os dados coletados durante a pesquisa que, para melhor compreensão do leitor, será feita por categorias, a saber: acervo, organização do espaço, formação dos profissionais da biblioteca, utilização da biblioteca escolar e estratégias e metodologias no trabalho com a leitura.

4.1 – Acervo

O acervo de uma biblioteca é todo o conjunto de materiais lá presentes, tais como: livros, revistas, jornais, gibis, dicionário, DVDS, mapas etc. (CÔRTE; BANDEIRA, 2011). A boa escolha do que irá compor o acervo é importante para a garantia de que as obras lá presentes estejam de acordo com a faixa etária dos usuários da biblioteca e com os objetivos pretendidos acerca da utilização deste espaço.

De um modo geral, os acervos das bibliotecas visitadas são compostos por livros didáticos, livros de literatura e gibis. Apenas uma possui mapas. O que mais se diferenciou nas bibliotecas visitadas é o acervo da biblioteca da Escola C, que possui muitos livros para os professores.

Os dados levantados a partir das respostas dos questionários apontaram duas principais necessidades: a organização e a renovação do acervo; sendo que a maior delas é a renovação (58%).

Figura 1: Sobre os acervos das bibliotecas



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Como ilustrado na Figura 2, o acervo da **Escola C** é organizado em caixas e há números afixados na parede para indicar a que série aqueles livros pertencem. Então, por exemplo, os alunos das turmas de 1º ano só pegam emprestado os livros que estão abaixo do número 1, as turmas de 2º ano só pegam emprestado os livros que estão abaixo do número 2 e assim sucessivamente.

Figura 2 – Organização do acervo



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Durante a entrevista com a professora Maria, ela me disse que esse modo de organização foi realizado pela antiga professora responsável pela biblioteca. O critério utilizado foi a quantidade de palavras e o tamanho das letras – quanto menos palavras no livro e quanto maior o tamanho das letras, menor a série. Ela também disse que tem vontade de fazer um curso relacionado a essa área para que, a partir dos conhecimentos adquiridos, consiga melhorar a organização e catalogação dos livros.

A professora Maria informou que muitos dos livros foram recebidos pelo programa do FNDE. Além disso, como ela gosta muito de livros e está sempre em livrarias e sebos, acaba aproveitando para adquirir títulos novos – com o seu próprio dinheiro – e os doa para a biblioteca. Como ela tem uma boa relação com os alunos, ela sabe quais os livros que eles mais querem que tenham na biblioteca, o que facilita na hora da compra.

O acervo da **Escola A** é todo catalogado no sistema que está sempre sendo atualizado, tendo em vista a perda de alguns livros – por perda, não devolução ou estrago – e a chegada de outros – através de doações ou novas compras. Porém, o único computador presente na biblioteca não tem conexão com a internet e não está

em boas condições de uso, fazendo com que os registros de empréstimo sejam feitos em cadernos.

Uma das formas de aquisição de livros novos é através da verba recebida pelo Governo do Distrito Federal para a compra na Feira do Livro⁴. Para isso, a Nalva e a Tábata perguntam aos alunos e professores se eles têm sugestões de títulos a serem adquiridos. Elas avaliam esses pedidos e veem se é ou não possível adquiri-los.

Conforme nos apresenta Côrte e Bandeira (2011, p. 53), “a seleção do acervo deve ser feita em estreita colaboração com o corpo docente, demonstrando uma perfeita correlação entre o acervo da biblioteca e as atividades da escola.”. Sendo assim, percebemos a importância de buscar essa integração, sobretudo com os professores, para a escolha do acervo, demonstrando que a biblioteca caminha junto com a escola e não é um elemento a parte.

Os livros da Escola A são todos organizados em estantes grandes que possuem diversas divisões. Há etiquetas afixadas nas divisões das estantes indicando a qual série aqueles livros pertencem – quando se trata de livros didáticos – ou o gênero literário. Em uma parte separada das estantes, há um suporte cujos livros são lá dispostos a partir de temas. Como a foto abaixo ilustra, o tema daquela semana era Maurício de Souza e, por isso, o suporte estava repleto de gibis do cartunista.

Figura 3 – Painel temático



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Eu não tive acesso à biblioteca da **Escola B**, por isso não foi possível saber como o acervo é organizado e não há organização no acervo da biblioteca da

⁴ Evento que acontece anualmente em Brasília voltado a vendas de livros e apresentações culturais.

Escola D, tendo em vista que os livros lá presentes ficam em prateleiras sem nenhum tipo de catalogação ou ordem, ficam onde tem espaço e não em lugares específicos a depender do gênero literário.

4.2 – Organização do espaço

Se faz necessário a análise desta categoria tendo em vista que ela afeta diretamente a utilização do espaço da biblioteca. Sem a mínima organização, não há como encontrar livros de forma prática, se concentrar para a leitura, querer visitar a biblioteca, ou seja, se torna inviável a sua utilização. A observação, um dos instrumentos de pesquisa deste trabalho, foi importante para perceber como se dava a organização e a utilização das diferentes bibliotecas visitadas.

Das escolas visitadas, a biblioteca da **Escola A** é, sem dúvida, a mais organizada e a que utiliza melhor o espaço disponível, mas não foi sempre assim. As professoras que atuam na biblioteca, durante a entrevista, nos disseram que aquele espaço era imundo, um verdadeiro depósito, cheio de coisas que ninguém utilizava mais. Foi a partir da chegada da Tábata que o espaço se tornou de fato uma biblioteca, pois ela tomou a iniciativa de retirar da BE tudo o que não tinha utilidade e organizar. Com a chegada da Nalva, professora da tarde, o espaço que já estava bom melhorou ainda mais.

Como podemos ver na foto abaixo, é um ambiente muito agradável de estar, pois é amplo, limpo, arejado e organizado.

Figura 4 – Biblioteca da Escola A



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Concordamos com Silva (1999, p. 105) quando diz que “[...] estar na biblioteca escolar deverá ser um prazer para o aluno, o que impõe certas preocupações também quanto à organização e a decoração daquele espaço.”. E é exatamente isso que percebemos nesta escola: a preocupação da Nalva e da Tábata para que a biblioteca seja um espaço cada vez mais agradável, fazendo com que as crianças queiram estar lá; e de fato elas querem.

Quando perguntado às entrevistadas o que poderia melhorar, elas responderam que – em relação ao espaço – nada, pois ele já está bonito e organizado, mas poderia melhorar o acervo porque, como as crianças leem bastante, os livros estão ficando repetitivos.

Outra biblioteca que também possui boa organização é a da **Escola C**. Como a Maria chegou à escola há pouco tempo, não consegui informações sobre quando a BE foi organizada daquela forma, somente obtive informações sobre a forma de organização do acervo. Mas é um espaço organizado e que consegue atender as necessidades dos usuários, como veremos na imagem a seguir:

Figura 5 – Biblioteca da Escola C



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

A biblioteca possui uma separação entre a parte dos alunos e a parte dos professores e demais funcionários da escola. Na imagem (figura 4), podemos observar a parte dos professores e demais funcionários da escola, onde se encontram os livros didáticos, livros para consulta dos professores e uma mesa com cadeiras. Há também um computador – sem acesso à internet, pois a biblioteca é o único lugar da escola que a conexão falha – e a mesa da professora da biblioteca.

Na figura abaixo podemos ver a parte dos alunos, com uma decoração mais alegre, mesas e cadeiras e os livros separados por séries. Este castelo desenhado

na parede possui não apenas uma função decorativa, mas também funciona como cenário para peças de teatro.

Figura 6 – Biblioteca da Escola C (lugar das crianças)



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

A biblioteca possui espaço suficiente para atender a todos, mas de acordo com a Maria, o que poderia melhorar é a instalação de um ar condicionado – tendo em vista que o ambiente é muito abafado e faz com que os alunos não queiram estar lá, sobretudo no período vespertino –, a melhor separação dos livros que compõem o acervo e o acesso à internet.

Infelizmente essa realidade de bibliotecas organizadas e que são utilizadas no dia a dia escolar não foi encontrada em todas as escolas visitadas, como é o caso da biblioteca da Escola D.

Kremer (1984 apud SILVA, 1999, p. 59) afirma que “boa parte das bibliotecas escolares está situada em espaço inadequado, em algum canto da escola, apertado, mal iluminado, [...], fato que revela o baixo prestígio da biblioteca na escola.”. É exatamente isto que vemos na **Escola D**: algo que mais se parece com um depósito do que, de fato, uma biblioteca – sendo que esta foi a opinião emitida pela própria coordenadora da escola.

Não consegui fotografias do local, mas o que havia no espaço eram estantes com livros literários bastante desorganizados, uma mesa com livros didáticos empilhados, um tapete de emborrachado e uma tela branca utilizada para visualizar os vídeos projetados.

Tanto a coordenadora quanto a professora da turma onde os questionários foram aplicados disseram que a biblioteca praticamente não é utilizada, só se faz o

uso dela quando há algum vídeo para mostrar para a turma – o que não costuma ocorrer muito.

Indo na contramão desta realidade, pude observar algo muito positivo na **Escola B**: a biblioteca fica fechada por não ter ninguém que fique lá (inclusive, foi a única que eu não consegui entrar), mas – apesar dessa dificuldade – a escola desenvolveu ótimos projetos que fazem com que a falta da BE seja suprida, ou ao menos amenizada.

A partir das respostas obtidas em algumas perguntas dos questionários, como: “Quais atividades o seu professor desenvolve com vocês na biblioteca?”, “O que você faz na biblioteca” e “Você utiliza o espaço da biblioteca com seus alunos? Como?”, obtive como resultado que a BE só é utilizada para a escolha dos livros que ficarão na caixa de leitura (cada turma tem a sua caixa que fica nas salas de aula). Com isso, pude perceber que as crianças e professores não podem usar a biblioteca, mas eles levam a biblioteca até as salas através dessas caixas.

Pudemos perceber que a equipe da gestão e os professores fazem o possível para que os livros estejam inseridos no cotidiano da escola (como veremos adiante no subcapítulo “Estratégias e metodologias no trabalho com a leitura”).

No questionário perguntamos, tanto para os alunos quanto para as professoras, o que eles fariam para melhorar a organização da BE. O gráfico abaixo corresponde às respostas dadas pelos alunos das três escolas onde os questionários foram aplicados.



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Como podemos observar, a organização do acervo foi o primeiro aspecto a ser melhorado (48%) e o que mais me chamou a atenção é que os estudantes da

Escola C (aquela que organiza os livros pelo suposto grau de dificuldade de cada série) foram os que mais apresentaram essa sugestão de melhoria.

Melhorar o conforto (24%) e a realização de reforma (17%) foram sugestões apresentadas, principalmente, pelos alunos da Escola D (onde a biblioteca serve mais como um depósito). A partir disso, podemos verificar que os alunos têm o desejo de ver este espaço organizado, bonito e funcional.

4.3 – Formação dos profissionais da biblioteca

As profissionais que trabalham nas bibliotecas visitadas possuem licenciatura. A Tábata e a Nalva possuem graduação em Pedagogia, a diferença é que a primeira possui especialização em psicopedagogia e a segunda em filosofia da educação. As duas eram professoras de atividades⁵ e, após a readaptação, passaram a atuar na BE.

Ao questionar se a formação inicial delas ajuda, de alguma forma, a desempenhar o trabalho que elas realizam atualmente, as duas responderam que sim, pois “o trabalho que a gente faz aqui na biblioteca é praticamente uma aula, então a nossa formação em Pedagogia nos ajuda no planejamento do que vai ser feito aqui e a forma de interagir com os alunos.”. (Pesquisa de campo, 2019)

A Maria fez o mestrado, graduação em geografia e especialização em gestão pública. De acordo com o que ela falou na entrevista, o mestrado foi o que mais ajudou na atuação dela na biblioteca, pois de alguma forma se relaciona com o que os pedagogos aprendem atualmente.

Em resumo, todas as três entrevistadas possuem licenciatura (2 em Pedagogia e 1 em geografia) e especialização (em áreas diversas).

Em relação à formação continuada, as professoras que trabalham na biblioteca da Escola A, a Tábata e a Nalva, disseram que a escola não oferece. Elas que precisam buscar alguma formação complementar quando sentem essa necessidade.

Já a professora Maria, ao ser questionada se recebe formação continuada, respondeu: “Sempre. Elas [as coordenadoras] vêm aqui, a outra professora que saiu

⁵ Na Secretaria de Educação do Distrito Federal, professor de atividades é aquele que possui licenciatura em Pedagogia, podendo atuar na Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos.

me deu muita orientação” e complementou: “E o pessoal da coordenação, a própria diretora também, eles orientam, me auxiliam. Se eu tenho alguma dúvida eu vou lá, nunca tive esse problema de perguntar.”. (Pesquisa de campo, 2019)

Cabe frisar que a formação continuada a que a pesquisadora se referia é a realização de diferentes cursos voltados ao aperfeiçoamento dos conhecimentos relacionados à área de atuação, mas também a formação em serviço, no próprio espaço da escola.

4.4 – Utilização da biblioteca escolar

Esta categoria foi abordada em todos os instrumentos de pesquisa. Levando em consideração que cada grupo de sujeitos envolvidos na pesquisa (profissionais das bibliotecas, professores e estudantes), apresentou um modo diferente de enxergar essa utilização, apresentaremos a seguir os aspectos que mais chamaram a atenção.

A **Escola A** foi a que mais me surpreendeu positivamente, pois o espaço é muito organizado, limpo, arejado e utilizado diariamente. As turmas vão à biblioteca a cada quinze dias onde realizam uma atividade planejada pelas professoras que lá trabalham e para pegar um livro emprestado.

A biblioteca da Escola A é, sem dúvida a mais utilizada. A partir da observação e da entrevista realizada com as profissionais que lá atuam, obtive a seguinte informação sobre as atividades realizadas:

Quadro 2 – Atividades desenvolvidas na BE da Escola A

Atividades desenvolvidas	Frequência
Atividades (contação de história, teatro, atividades manuais, reconto)	Quinzenalmente (cada turma)
Empréstimo de livros	Diariamente
Reagrupamento ⁶	Semanalmente

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

⁶ Estratégia de ensino utilizada na escola em que se formam grupos de alunos (da mesma turma ou de turmas diferentes) para ajuda-los em suas dificuldades relacionadas ao que está sendo ensinado em sala de aula, utilizando atividades diversas que favoreçam o aprendizado.

As atividades mencionadas no quadro acima (contação de histórias, teatro, atividades manuais, reconto) acontecem diariamente, porém, cada turma visita a biblioteca para realizar essas atividades quinzenalmente. Ou seja, a cada quinze dias as turmas fazem atividades diferentes. A quantidade de turmas existentes na escola faz com que não haja a possibilidade de as turmas irem semanalmente à biblioteca para realizar estas atividades.

A Nalva e a Tábata sempre fazem o planejamento juntas. Normalmente a atividade realizada na biblioteca tem a ver com alguma data comemorativa ou algum projeto que esteja acontecendo na escola para que seja algo contextualizado.

O empréstimo de livro “obrigatório” ocorre junto com a atividade mencionada acima, entretanto, os alunos tem a liberdade de voltar antes dos quinze dias previstos para a realização da próxima atividade – que é o dia limite para a devolução do livro pego – para pegar algum outro.

Cabe mencionar que os alunos não ficam limitados a pegar livros emprestados somente no dia marcado para a atividade na biblioteca. Inclusive, um dos assuntos abordados com grande satisfação durante a entrevista foi a grande procura das crianças pela biblioteca, sempre há movimento, inclusive na hora do intervalo.

No dia da observação, a atividade que estava sendo desenvolvida era sobre pessoas com deficiência, tendo em vista o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência. Para a atividade, a Nalva mostrou um vídeo sobre um pintor que não possui os braços e pinta quadros belíssimos. Depois do vídeo ela mostrou alguns quadros pintados por artistas que não possuem os membros superiores e pediu para que eles fizessem uma releitura de um dos quadros.

Figura 8 – Crianças realizando atividades



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Nesta atividade, tanto a oralidade quanto a escrita estavam sendo desenvolvidas, pois houve bastante diálogo entre a Nalva e as crianças a respeito da temática apresentada no vídeo e algumas crianças escreveram frases nas releituras dos quadros. Mas todas as atividades são planejadas de modo a favorecer o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade – não necessariamente as três juntas – mas pelo menos uma estará presente na atividade proposta para os alunos.

Na **Escola C**, as visitas à biblioteca acontecem semanalmente. Cada turma tem o seu horário. De modo geral, é um momento bem rápido; as crianças só devolvem o livro que tinham pego na semana anterior e pegam um novo.

A professora Renata respondeu no questionário que utiliza a biblioteca para a realização de duas atividades: rodas de conversas e projeto interventivo. A roda de conversa é sobre temas diversos e o projeto interventivo diz respeito ao trabalho realizado com as crianças que apresentam alguma dificuldade no que é ensinado em sala de aula.

O quadro abaixo visa organizar as informações a respeito da utilização da biblioteca da Escola C, de modo que favoreça a compreensão:

Quadro 3 – Atividades desenvolvidas na BE da Escola C

Atividades desenvolvidas	Frequência
Empréstimo de livros	Semanalmente
Rodas de conversa	Não informado
Projeto interventivo	Não informado

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Quando perguntado para os alunos sobre as atividades desenvolvidas pelo professor, as respostas foram: “nada”, “nenhuma” ou deixaram em branco. Com isso podemos perceber que ou as crianças não consideram as rodas de conversa e o projeto interventivo como uma atividade desenvolvida pela professora ou ela quase nunca as realiza. Mas quando perguntado o que eles fazem na biblioteca de um modo geral, sem necessariamente ter a presença da professora, obtivemos as seguintes respostas:

Figura 9 – O que os estudantes fazem na biblioteca (Escola C)

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Dessa forma percebemos que, de fato, a única atividade realizada é o empréstimo de livros e que a professora não realiza nenhuma atividade para integrar a biblioteca e a sala de aula ou para utilizar os livros no ensino da língua portuguesa.

Cabe destacar que a biblioteca escolar e o papel da leitura dentro da escola devem ter intencionalidades bem definidas. De modo geral, sempre buscamos algo quando lemos; seja encontrar uma resposta a algo, nos distrair, aprofundar o conhecimento sobre um tema específico, entre outros. Entretanto, a criança não possui repertório suficiente para saber o objetivo da leitura e qual o objetivo de ler. Se o professor não tiver objetivos definidos em relação ao ato de ler dos seus alunos, dificilmente ela será frutuosa.

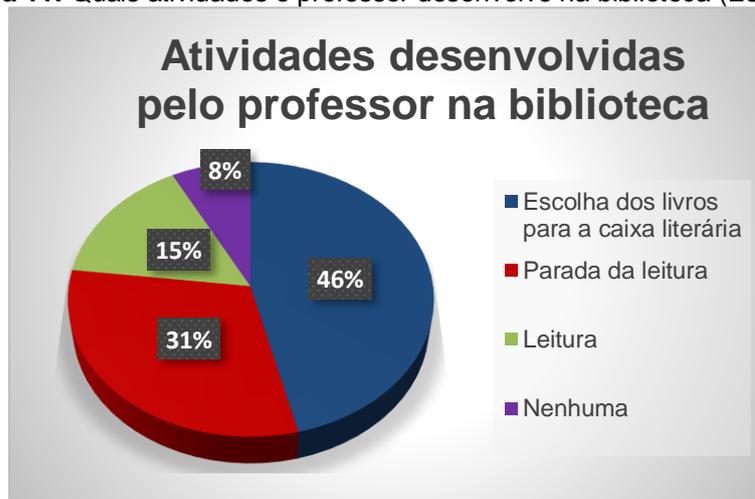
A **Escola B** não mais possui uma pessoa responsável para cuidar da biblioteca, por esse motivo, ela fica fechada. Apesar disso, foi perguntado aos alunos, através dos questionários, o que eles realizam neste espaço, e obtivemos as seguintes respostas:

Figura 10 – O que os estudantes fazem na biblioteca (Escola B)

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Nos surpreendeu o fato de a maioria dos alunos ter respondido que o que mais fazem na BE é ler. Pelo que eu pude conversar com a coordenadora isso não acontece; acontecia somente quando havia uma professora que lá trabalhava. Mas quando perguntado quais as atividades que a professora realiza com eles na BE eles responderam:

Figura 11: Quais atividades o professor desenvolve na biblioteca (Escola B)



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Podemos perceber que 46% dos estudantes responderam que escolhem os livros para a caixa literária. A professora Natália também respondeu que a única atividade que ela realiza com as crianças na BE é a escolha destes livros. A segunda maior resposta, 31%, foi a Parada da Leitura, que não necessariamente ocorre na biblioteca, pois este projeto consiste em fazer com que todos da escola – alunos, professores e demais profissionais –, uma vez por semana, parem para ler. Todos ficam bem livres para escolher onde realizarão a leitura e a ação dura 30 minutos.

A **Escola D** é a que menos utiliza a biblioteca, pois como a própria coordenadora me relatou, ela é mais um depósito do que uma biblioteca.

As respostas dos questionários aplicados nesta escola foi a que mais me chamou a atenção, pois, como veremos no gráfico a seguir, 40% dos estudantes relataram que utilizam a BE para a leitura.

Figura 12: O que os estudantes fazem na biblioteca (Escola D)

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

A observação realizada nesta BE foi muito rápida, tendo em vista que ela fica fechada, mas pelo que pude ver ela não apresenta condições de receber alunos para lerem. O espaço é pequeno, encontra-se desorganizado e não há sequer uma cadeira que os alunos possam se sentar, há apenas um pequeno espaço livre com um tapete de emborrachado onde as crianças sentam quando a coordenadora quer conversar com eles ou mostrar-lhes algum vídeo.

Quando perguntado qual atividade a professora realiza com eles na BE, a resposta prevalente continuou sendo a leitura (45%), seguido por teatro (27%), contradizendo a resposta da professora Marina em seu questionário, que disse não utilizar a biblioteca por ficar fechada.

Figura 13: Quais atividades o professor desenvolve na biblioteca (Escola D)

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Podemos perceber que as professoras incentivam a leitura, mas nenhuma utiliza os textos presentes nos livros para o ensino da língua portuguesa, em termos de escrita, pontuação, construção frasal etc. Acreditamos que a pouca utilização da BE por parte dos professores para este ensino da língua materna tem relação com uma lacuna na formação do pedagogo, pois pouco se fala – durante a graduação – sobre o acervo contido neste espaço e as possibilidades de utilização para o processo de alfabetização. Neste caso, se faz necessário a realização de cursos de formação continuada.

Sabemos que o professor possui muitas tarefas dentro da escola que dificultam a elaboração de um trabalho voltado à utilização deste espaço, mas é importante que toda a comunidade escolar perceba o potencial que este espaço possui não só para o ensino e aprendizado da língua portuguesa, mas para a educação de um modo geral e ajude na construção, preservação e utilização deste espaço.

Sabendo que os alunos são os principais usuários da BE, pedimos para que eles dessem dicas de utilização deste espaço. O gráfico abaixo foi elaborado a partir das respostas dos estudantes das três escolas cujos questionários foram aplicados.

Figura 14 – Dicas de utilização da biblioteca



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Destacamos que 28% dos estudantes deram como sugestão deixar a biblioteca aberta. Essa foi a resposta dada pela grande maioria dos estudantes da Escola D, justamente a escola que não utiliza a biblioteca para uma de suas principais finalidades, que é a leitura.

Contação de histórias, brincadeiras e teatro foram outras sugestões dadas pelos alunos. Como mencionado na fundamentação teórica, no subcapítulo que trata do ensino e aprendizado da língua portuguesa, essas atividades estimulam a interação entre alunos e professores, e a interação é um aspecto importante para o aprendizado da língua materna.

Cabe frisar que os alunos do Ensino Fundamental I possuem de 6 a 11 anos de idade, ou seja, são crianças, e a ludicidade é importante nesta etapa da educação básica, sobretudo do 1º ao 3º ano. Esse é o momento ideal para que, através do lúdico, as crianças passem a adquirir o costume de ir à biblioteca e se familiarizem com os livros para que, no futuro, os livros e a leitura façam parte de suas vidas. (SILVA, 1999).

4.5 – Estratégias e metodologias no trabalho com a leitura

Para esta categoria, estamos considerando as respostas dadas pelas professoras, tendo em vista que são elas que estão envolvidas de forma direta na definição de estratégias e utilização de metodologias para o trabalho com a língua portuguesa.

Sendo assim, segue um quadro com a síntese das principais respostas dadas por cada professora às seguintes questões: Quais as estratégias e metodologias no trabalho com a leitura?, Você utiliza o espaço da biblioteca com seus alunos? Como?, Existem projetos que trabalhem a leitura na escola? Fale sobre eles., Quais os maiores desafios em trabalhar com a leitura?

Quadro 4: Dados gerais das respostas dadas pelas professoras

	Utilização da BE	Estratégias e Metodologias	Projetos	Principais desafios
Prof. ^a Renata Escola C	Rodas de conversas e projeto interventivo.	Leitura e interpretação textual em sala de aula de forma continuada; Projeto “Leva e Traz”.	Projeto Leva e Traz	Interpretação de questões; Despertar nos alunos o interesse pela leitura.
Prof. ^a Natália Escola B	Escolha dos livros da caixa de leitura.	Incentivo à leitura oral; Partilha dos livros da caixa de leitura.	Parada da leitura	Desenvolver nos alunos o interesse de ler sem obrigação.
Prof. ^a Marina Escola D	Não utiliza	Projeto de leitura; Caixa de livros na sala de aula.	Projeto literário	Despertar nos alunos o interesse pela leitura.

Fonte: pesquisa de campo, 2019

As coordenadoras das escolas visitadas pediram que a aplicação dos questionários fosse feita em turmas de 5º ano pelo fato dos alunos já terem sido alfabetizados. Considerando que esses estudantes já passaram pela fase inicial de aprendizado da escrita, todos estão no nível alfabético. Assim, não foi possível com os dados gerados nas visitas as bibliotecas estabelecer e refletir melhor sobre as relações entre a utilização da BE e estratégias e atividades que contribuem na fase inicial de alfabetização.

Para a professora Renata, as estratégias e metodologias adotadas no trabalho com a leitura consistem na realização de leitura em sala de aula e interpretação textual de forma continuada, além do projeto realizado na biblioteca (que é o empréstimo semanal de livros). A professora não especificou como ou com que frequência essa leitura em sala de aula é realizada.

Já para a professora Natália, o incentivo à leitura em voz alta em sala de aula (ela também não especificou de que maneira isso é feito) e a partilha dos livros da caixa de leitura são os elementos utilizados como estratégia para o trabalho com a leitura.

O projeto voltado à leitura por ela mencionado foi a “Parada Literária”⁷, que, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, tem por objetivo incentivar o hábito da leitura pelo simples prazer de ler. Mas acreditamos que é conveniente falar de um outro projeto⁸ realizado com as crianças que estão concluindo o Bloco Inicial de Alfabetização – BIA⁹, que consiste em um evento cuja principal ação é a imersão no mundo da leitura através de contação de histórias, poesias, apresentação de peças de teatro realizado pelas crianças, caça ao tesouro, entre outras atividades.

Figura 15 – Parte da decoração da Escola B



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Na imagem acima podemos ver parte da decoração feita para o evento. Nela podemos ver que a primeira coisa que nos deparamos ao entrar na escola é a frase: “Ler é tudo de bom!”. Além disso, há uma borboleta na parede feita com gibis remetendo a ideia de que o livro tem asas. Os murais decorados pelas crianças também fazem parte da decoração. Cada turma tem o seu e a decoração é baseada na história de um livro, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 16 – Murais das turmas



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

⁷ Já descrito nos subcapítulos “Chegada às escolas” e “Utilização da Biblioteca”.

⁸ O nome do projeto não será mencionado para a preservação do anonimato da escola.

⁹ Correspondente aos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

O projeto é voltado para as turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, e para que as outras turmas (1º, 2º, 4º e 5º anos) possam, de alguma forma, participar do projeto, acontece na escola uma peça intitulada “Deu rato na biblioteca”. A coordenadora sugeriu que a minha observação fosse feita durante a apresentação da peça, e assim o fiz. Durante a peça, os artistas e as crianças interagiram a todo momento. Por vezes as crianças falavam de forma espontânea frases como: “*Você precisa ler, por que ler é bom pra vida.*” e “*Ler é bom demais.*”. (Pesquisa de campo, 2019)

Figura 17 – Apresentação da peça “Deu rato na biblioteca”



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Podemos perceber que toda a escola está inserida neste contexto de leitura, algo que acontece não somente em um período específico, mas no decorrer de todo o ano. Isso se reflete, sem dúvida, no desempenho dos alunos em relação à leitura e à escrita – não excluindo outros fatores, como o incentivo das famílias no desenvolvimento do hábito da leitura, por exemplo. E foram três fatos que contribuíram para esta percepção. O primeiro é que durante o período em que fiz a observação, sempre chegavam alunos à escola com um livro na mão (alguns liam enquanto andavam); o segundo é o nível de escrita das respostas dadas nos questionários, no que diz respeito a pontuação, ortografia, conjugação etc.; e o terceiro fato é que as crianças paravam em frente aos murais e começavam a ler o que estava escrito em voz alta, sem ninguém pedir, de forma fluente – melhor inclusive que muitos adultos.

Essa escola é uma prova clara de que é possível o desenvolvimento do hábito da leitura e, conseqüentemente, do ensino da língua portuguesa, quando se tem

objetivos traçados e quando toda a comunidade escolar está envolvida – mesmo quando a biblioteca não pode ser utilizada de forma efetiva por falta de um profissional que cuide dela.

Já a professora Marina, da Escola D, utiliza como estratégia no trabalho com a leitura o projeto de leitura e a caixa de livros de literatura e de gibis na sala de aula.

Há apenas um projeto de leitura em que um aluno de cada vez leva um livro para casa juntamente com um caderno que contém uma atividade a ser feita com base no livro escolhido. A Marina disse que antes escolhia quem ia levar para que todos participassem, mas depois percebeu que não adiantava, pois muitos levavam e não liam, não realizavam as atividades e demoravam muito para devolver o livro. Por causa disso, ela passou a perguntar quem quer levar e o primeiro que se prontificar leva.

A outra estratégia apontada pela professora é a utilização das caixas de livros, mas, de acordo com o que ela me explicou (durante uma conversa ocorrida no período em que os estudantes respondiam o questionário), os alunos não gostam de ler. Então essa caixa é bem pouco utilizada. Sendo assim, essas práticas são pouco efetivas, tendo em vista que são poucos os alunos que participam do projeto e os que participam têm um intervalo de tempo muito grande entre uma participação e outra.

Algo recorrente nas respostas das três professoras foi a dificuldade em despertar o interesse pela leitura e desenvolver a vontade de ler sem obrigação. A professora Renata, inclusive, citou o fato de que despertar o interesse pela leitura nos alunos que fazem parte da Geração Y¹⁰ é um desafio, considerando que a utilização da tecnologia é algo natural para eles.

Tendo em vista que as professoras que participaram da pesquisa lecionam no 5º ano do Ensino Fundamental e que os estudantes das três turmas pesquisadas estão no nível alfabético, acreditamos que esta dificuldade esteja relacionada diretamente à falta de desenvolvimento do hábito da leitura, pois sem este desenvolvimento os alunos acabarão escolhendo realizar atividades que, aparentemente, são mais prazerosas que ler. E não será sempre que todos os

¹⁰ De acordo com Palfrey e Gasser (2008 apud Xavier, 2011, p. 3), “a Geração Y é formada pelos nativos digitais, ou seja, sujeitos que nasceram no início dos anos 1990 quando as novas tecnologias entraram nas sociedades com muita intensidade.”

alunos quererão ler, mesmo os que gostam, então, talvez, ter um momento definido para a leitura seja uma boa estratégia.

Por mais que as professoras que participaram da pesquisa digam que a BE é um local importante no ensino, nenhuma utiliza de fato os livros da biblioteca no ensino da língua portuguesa de forma intencional (ensinando a estrutura dos parágrafos, entonação, pontuação aplicada ao texto; por exemplo), no máximo incentivam o empréstimo e, como já dito, o simples contato com os livros não garante o aprendizado da língua portuguesa, mas sim um ensino bem planejado.

Acreditamos que um dos maiores desafios do professor não seja apenas ensinar a ler e escrever, mas ensinar a compreender aquilo que está sendo lido e escrito. Pimentel (2007 apud Côrte; Bandeira, 2011, p. 2) diz que “saber ler implica não só aprender a decodificar sinais gráficos, juntar letras, mas também aprender a descobrir sentidos. Saber ler é compreender e não simplesmente decifrar.”, e nesse sentido se insere a utilização da biblioteca, pois, além da própria estrutura gramatical presente nos textos, os livros de literatura são excelentes oportunidades para compreenderem o que o autor desejava comunicar com aquela cena, o contexto da história, as características das personagens etc.

Além disso, tudo na escola deve ter uma intencionalidade educativa. As leituras propostas pelos professores devem ter objetivos definidos. Encher as crianças de livros não garantirá que elas terão melhor desempenho no aprendizado da língua portuguesa muito menos que eles serão exímios leitores. Até mesmo a leitura livre deve ter uma intencionalidade.

Cabe salientar que o livro não é a única ferramenta para o ensino da língua portuguesa, mas, por se tratar do tema da pesquisa, está sendo mais enfatizado. Os resultados desta pesquisa levaram a algumas considerações acerca da temática que serão apresentadas no próximo capítulo.

Traçando uma relação entre as metodologias utilizadas pelas professoras no ensino da língua portuguesa e as atividades já sugeridas em capítulos anteriores que favorecem esse aprendizado, acreditamos que o teatro e os sarais literários são bons exemplos de atividades que poderiam ocorrer nessas escolas de modo a favorecer o aprendizado da língua materna.

Considerando que as crianças que participaram da pesquisa estão todas no nível alfabético, elas possuem uma maior autonomia para escrever e declamar

poesias, criar paródias ou até mesmo músicas; tudo isso poderia ser apresentado nos sarais. Também poderiam elaborar peças teatrais ou até mesmo apresentar peças que já existem. Essas atividades auxiliam o desenvolvimento da oralidade, da escrita, possibilita o aprendizado da pontuação e das características dos diferentes gêneros textuais, além de estimular a criatividade e favorecer o trabalho em grupo.

5.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi conhecer como são utilizados os espaços das bibliotecas em escolas classes de Brasília, a fim de caracterizá-los e refletir sobre possibilidades que contribuam para o ensino e a aprendizagem na área da Língua Portuguesa. Para alcançar este objetivo principal, realizamos a pesquisa em quatro escolas e foram estabelecidos alguns objetivos específicos, são eles: caracterizar os espaços das bibliotecas das escolas classes visitadas; analisar a utilização da biblioteca pelos professores e alunos; identificar possibilidades de trabalho para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa com crianças do Ensino Fundamental I.

Ao finalizar esta pesquisa, verificamos que não é possível uniformizar a caracterização das bibliotecas, pois cada uma funciona de uma forma, apresenta um acervo diferente e é utilizada de modo diverso.

Sobre a utilização destes espaços, cada uma utiliza de modo diferente. Em relação às bibliotecas que possuem profissionais que cuidam deste espaço, uma o utiliza da melhor forma possível não só com o empréstimo de livros, mas também com o incentivo à leitura, desenvolvimento da oralidade e escrita através das atividades lá desenvolvidas; outra o utiliza para o empréstimo de livros e reforço escolar. Já em relação às bibliotecas que não possuem profissionais que cuidam deste espaço, uma realiza diversas atividades fora da BE de modo a suprir esta carência e outra utiliza o espaço como depósito.

Sobre a utilização da biblioteca escolar para o ensino e aprendizado da língua portuguesa, constatou-se que nenhuma das professoras utiliza este espaço de forma planejada para o ensino de elementos gramaticais, tais como: pontuação, estrutura frasal, classes de palavras, entre outros, mas algumas atividades realizadas, como os projetos literários, podem contribuir de alguma forma para este processo de ensino-aprendizagem. Cabe ressaltar que não defendemos a ideia de que o simples contato com o texto fará com que a criança aprenda a língua portuguesa. A escrita e a leitura devem ser ensinadas de forma explícita, mas acreditamos que o contato com os livros é complementar a este ensino.

Além disso, através da observação, constatou-se que quanto maior a organização do espaço, maior o desejo dos estudantes de estarem naquele

ambiente, não só nos horários que já eram determinados, mas também em horários mais livres – como o intervalo.

A partir dos dados apresentados, podemos perceber que passados nove anos da lei 12.244/2010 ainda temos um longo caminho a percorrer para que a universalização aconteça, sobretudo nas escolas municipais. Não acreditamos que seja necessária a criação de novas leis para tratar do assunto; pensamos que o que existe seja suficiente, basta aprimorar, estabelecer algum tipo de medida caso o que está previsto em lei não seja cumprido.

Dentre as possibilidades que contribuem para o ensino da língua portuguesa e dinamização da BE, podemos mencionar:

- A contação de histórias;
- O estímulo à leitura de variados gêneros textuais;
- O teatro;
- O reconto;
- Concursos de poesias;
- Sarau literário, entre outros.

Assim, consideramos que a BE possui grande potencial para o ensino e aprendizado da língua portuguesa, mas para que isso aconteça, se faz necessário que toda a comunidade escolar tenha consciência deste potencial, trace objetivos claros para este fim e faça com que a biblioteca seja um espaço “vivo” dentro da instituição de ensino.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Uma etapa da minha formação acadêmica está chegando ao fim, e percebo quanta coisa preciso aprender acerca da educação, que é algo tão amplo. Sendo assim, pretendo continuar os meus estudos para que eu possa desempenhar da melhor forma a minha profissão.

Antes mesmo de ingressar na Universidade, a área de alfabetização me despertava o interesse. Dessa forma, pretendo retornar à Universidade para continuar estudando sobre a educação, em especial sobre a alfabetização, em cursos *stricto sensu*, me preparando ainda mais para a minha atuação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Leda Maria; SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar no Brasil: perspectivas históricas. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. (Org.). **Fazer cotidiano na biblioteca escolar**. 2. Ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCH, Maria Selma. **A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, jan/jun. 2008. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59/79>>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

BRASIL. Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. **Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9099.htm>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

BRASIL. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. **Institui a Política Nacional de Alfabetização**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2019/decreto-9765-11-abril-2019-787972-publicacaooriginal-157746-pe.html>>. Acesso em 22 de outubro de 2019.

_____. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 3 de julho de 2019.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE ALFABETIZAÇÃO. **PNA Política Nacional de Alfabetização/secretaria de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 2 de outubro de 2019.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de educação fundamental**. Brasília, 1997.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 30 de julho de 2019.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a Teoria e a prática**/ Marlene Carvalho. 12. Ed. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6092/1/2013_JessicaFernandesCosta.pdf>. Acesso em: 24 de julho de 2019.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica**, ensino fundamental, 2. Ed. SEEDF, 2018. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GODOY, Arilda Schmidt. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. Curitiba: Ibpex, 2007.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2018** [recurso eletrônico]. Brasília, 2019. 66p. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

MALFACINI, Ana Cristina dos Santos. In: BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: da Reforma Pombalina ao uso de materiais didáticos apostilados **IDIOMA**, Rio de Janeiro, nº. 28, p. 45-59, 1º. Sem. 2015.

MILANESI, Luis Augusto. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

ORIÁ, Ricardo. **Bibliotecas escolares no Brasil**: uma análise da aplicação da lei nº 12.244/2010. Câmara dos Deputados: 2017. Disponível em: <bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/34382/bibliotecas_escolares_oria.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

PEREIRA, Andréa Kluge. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7260-biblioteca-escola-seb&Itemid=30192>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

PNLD. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

Programa Nacional Biblioteca da Escola. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SALA, Fabiana; MILITÃO, Silvio César Nunes. **Biblioteca escolar no Brasil**: origem e legislação nacional educacional. 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24341_12048.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

DOS SANTOS, A. B.; VALENTE, D. R. F.; SILVA, E. M. D. S.; SILVA, F. J. D. N.; SILVA, F. L. C. D.; MENEZES, G. C. A.; SOUSA, J. M. L.; COSTA, J. L. D.; OLIVEIRA, L. G. D. **Psicogênese da língua escrita**: entendendo o processo evolutivo da escrita. Anais da EXPO, v. 2018, n. 01, p. 15-15, 2018.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. **O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil**. São Paulo:

Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>>. Acesso em: 26 de outubro de 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SIM-SIM, Inês. **O ensino da leitura: a decifração**. Lisboa: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://www.eidh.eu/magazine/form_pt/ensino_decifracao_doc_trabalho.pdf>. Acesso em: 24 de janeiro de 2020.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. Materiais escolares: história e sentidos. **Revista de Educação AEC**. Brasília, vol. 25, nº 101, out/dez. de 1996.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

TEIXEIRA, Anísio. **Plano de construções escolares de Brasília**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199.

VÁLIO, E. B. M. **Biblioteca escolar: uma visão histórica**. Trans-in-formação 2(1): 15-24, jan/abr. 1990. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/viewFile/1670/1641>>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.

XAVIER, Carlos Antonio. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y**. Calidoscópio, v. 9, n. 1, p. 3-14, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748/149>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2019.

APÊNDICE – A

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSE DE BRASÍLIA:
POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA**

Roteiro de entrevista - profissional da biblioteca

1. Escola:
2. Horário de funcionamento da biblioteca:
3. Qual a formação do profissional:
4. Há quanto tempo trabalha na biblioteca:
5. Como sua formação inicial o preparou para atuar no espaço da biblioteca escolar?
6. Você recebe algum tipo de formação continuada voltada para a atuação na biblioteca? Se sim, quais?
7. Quais os materiais que compõem o acervo da biblioteca?
8. De que maneira o acervo da biblioteca é organizado e atualizado?
9. Como é a utilização da biblioteca escolar?
10. Como é a interação entre você e os professores?
11. Em sua opinião, o que poderia mudar para que ocorra uma melhoria do espaço e, conseqüentemente, em sua utilização?
12. Existem projetos que trabalhem a leitura e escrita na biblioteca? Fale sobre eles.
13. De que forma a biblioteca pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita?

APÊNDICE – B

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSE DE BRASÍLIA:
POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA**

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Nome: _____

Escola: _____

Formação do Profissional: _____

Há quanto tempo trabalha como professor(a) dos anos iniciais? _____

Quais as estratégias e metodologias no trabalho com a leitura?

Quais os maiores desafios em trabalhar com a leitura?

Existem projetos que trabalhem a leitura na escola? Fale sobre eles.

Você utiliza o espaço da biblioteca com seus alunos? Como?

Como é a interação entre você e o profissional que atua na biblioteca?

De que forma a biblioteca pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da leitura?

Se você fosse o(a) bibliotecário(a) o que faria para organizar e melhorar o espaço, e conseqüentemente, a utilização da biblioteca escolar?

APÊNDICE – C



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSE DE BRASÍLIA:
POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA**

QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES

Nome: _____

Idade: _____

Escola: _____

Você frequenta a biblioteca da escola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência vai por conta própria?

() Todos os dias () Uma vez por semana

() Uma vez por mês () Outra resposta: _____

Você vai à biblioteca acompanhado de seu professor(a)?

() Sim () Não

Quais atividades o seu professor desenvolve com vocês na biblioteca?

Você gosta de ler?

() Sim () Não

Se sim, o que gosta de ler?

O que você faz na biblioteca?

O que você mais gosta na biblioteca?

O que você menos gosta na biblioteca?

Se você fosse o(a) bibliotecário(a) o que faria para melhorar a organização da biblioteca da sua escola?

Dê dicas de utilização do espaço da biblioteca

APÊNDICE – D

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ESCOLAS CLASSES DE BRASÍLIA: possibilidades de ensino e aprendizado da leitura.** O objetivo da pesquisa é conhecer como são utilizados os espaços das bibliotecas em escolas classes de Brasília, a fim de caracterizá-los e apresentar possibilidades que contribuam para o trabalho com a leitura.

O Projeto tem a orientação da Prof^a. Ireuda da Costa Mourão, da Faculdade de Educação da UnB, orientadora da Pedagogia.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os pesquisadores terão conhecimento dos dados.

O senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Agradeço a sua disposição em participar desta pesquisa.

Setembro de 2019.